



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação

**Representações da América Latina no Jornal Nacional e no Jornal da
Record**

Juliana Fernandes Câmara

Rio de Janeiro

2008

Juliana Fernandes Câmara

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Beatriz Becker

Representações da América Latina no Jornal Nacional e no Jornal da Record

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social - Jornalismo.

Rio de Janeiro

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

CÂMARA, Juliana Fernandes.

Representações da América Latina no Jornal Nacional e no Jornal da Record. / Juliana Fernandes Câmara - Rio de Janeiro, 2008.

Monografia (Bacharel em Comunicação Social/ Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação.

Orientadora: Beatriz Becker

Juliana Fernandes Câmara

Orientadora: Beatriz Becker

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Rio de Janeiro, dia ____/____/____

Comissão examinadora:

Orientadora: _____
Prof^a. Dr^a. Beatriz Becker

Examinador: _____
Prof^a. Dr^a. Cristina Rego Monteiro

Examinador: _____
Prof. Dr. Mohammed ElHajji

Rio de Janeiro

2008

CÂMARA, Juliana Fernandes. **Representações da América Latina no Jornal Nacional e no Jornal da Record**. Orientador: Beatriz Becker XX páginas. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. 2008. Projeto Experimental (Habilitação em Jornalismo).

RESUMO

Consideramos que os noticiários televisivos são produtos estratégicos na construção da experiência da realidade social cotidiana local e global de diferentes grupos sociais. O trabalho é uma análise das narrativas dos dois telejornais brasileiros de maior audiência no horário nobre sobre a América Latina. A escolha do tema se justifica pelo papel econômico estratégico que os países do continente têm conquistado no mundo e, especialmente, pela importância econômica e política que eles têm para o Brasil. O objetivo do estudo é investigar as semelhanças e diferenças das narrativas do Jornal Nacional e do Jornal da Record sobre a América Latina, as visões construídas sobre as nações do continente e como as relações entre o Brasil e esses países são representadas. A partir do estudo das teorias do jornalismo e da linguagem do telejornal, foi realizada uma análise qualitativa e quantitativa das notícias veiculadas por um período de duas semanas, investigando as narrativas das reportagens e seus efeitos de sentido.

Agradecimentos

A Deus, pela certeza, a presença e a fidelidade;

Aos meus pais, Theófilo e Aracilda, pelo amor incondicional;

Ao Lúcio Cesar, pela capacidade de me fazer feliz e pela compreensão;

À minha avó Ilce, pela dedicação;

Aos demais familiares, pelas orações;

À professora Beatriz Becker, pelo suporte;

A todos os professores da ECO, pela formação;

Aos amigos da vida, pela alegria;

Às amigas pensionetes, pela família improvisada;

Aos amigos da ECO, pelas gargalhadas eternizadas.

“Porque o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e humanizar mediante a confrontação descarnada com a realidade. Quem não sofreu essa servidão, que se alimenta dos imprevistos da vida, não pode imaginá-la. Quem não viveu a palpitação sobrenatural da notícia, o orgasmo do furo, a demolição moral do fracasso, não pode sequer conceber o que são. Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderia persistir numa profissão tão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, como se fora para sempre, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte.”
(Gabriel García Márquez)

SUMÁRIO

1.Introdução

2.Uma reflexão sobre o jornalismo

2.1 Jornalismo como forma de conhecimento

2.2 O estudo do jornalismo no século XXI

2.3 A noticiabilidade e os valores-notícia

3. Pensando o jornalismo internacional

4.Telejornalismo

4.1 Telejornalismo: um gênero poderoso

4.2 Pesquisando telejornalismo

5.Análise Comparativa

5.1 Análise quantitativa

5.2 Análise qualitativa

6.Considerações Finais

7. Referências Bibliográficas

1. Introdução

Os telejornais ocupam um lugar estratégico em nossa sociedade, como principais meios de informação e entretenimento da maior parte da população brasileira. Os índices de audiência da televisão aberta no país ainda são extremamente expressivos, mesmo comparados com o crescente, mas ainda não suficiente acesso à internet domiciliar, os quais se contrapõem com os índices de leitura. Além disso, as dificuldades econômicas e sociais enfrentadas pela maioria dos cidadãos brasileiros propiciam a escolha do público pela TV.

Os telejornais selecionam os acontecimentos que julgam mais importantes e, através da construção das notícias e de suas mediações, realizam representações do Brasil e do mundo. A linguagem dos noticiários provoca a sensação de que eles transmitem a realidade social de forma clara, objetiva e imediata, mas suas narrativas são carregadas de subjetividade. Os discursos dos telejornais constroem sentidos sobre o fato noticiado transformado em acontecimento midiático e mediam as experiências social local e global dos cidadãos.

No âmbito do jornalismo internacional, os noticiários televisivos reforçam seu valor estratégico, pois é através deles que grande parte dos cidadãos constrói seu repertório de conhecimentos e sua percepção crítica sobre o mundo. Os sentidos atribuídos aos acontecimentos e a forma como eles são tratados pelos jornalistas contribuem para formar visões de mundo e, mais do que isso, modelar a forma como muitos brasileiros se relacionam com as questões globais da contemporaneidade.

Apesar das semelhanças históricas, políticas e econômicas, o Brasil se destaca dos outros países latino-americanos pelo idioma e pela colonização portuguesas. Nos últimos anos, no entanto, além do aumento das trocas comerciais entre esses países, as eleições de presidentes representantes de minorias sociais em diversos países da América Latina reafirmaram os discursos sobre a necessidade de a região lutar para se emancipar da histórica dependência dos países ricos e consolidaram determinadas práticas políticas como a criação e a valorização do Mercosul.

No entanto, a mídia ainda oferece uma percepção crítica difusa das relações políticas, culturais e econômicas da América Latina, que nem sempre são relatadas nos noticiários brasileiros. A monografia pretende investigar a produção de sentidos sobre a América Latina pelos dois telejornais de maior audiência da televisão aberta no país: o Jornal Nacional, da TV Globo, e o Jornal da Record, da TV Record.

Por meio da realização de uma análise quantitativa e qualitativa das matérias veiculadas pelos noticiários entre os dias 7 e 19 de julho de 2008, o objetivo do trabalho é verificar o tipo de pauta trabalhada, os valores atribuídos aos fatos noticiados, as representações das relações do Brasil com os países latino-americanos e ainda se as narrativas reforçam ou quebram estereótipos. Enfim, este trabalho procura identificar as visões sobre a América Latina construídas pelo JN e pelo JR.

A motivação para a escolha do tema surgiu antes do meu ingresso na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e se consolidou durante o curso de jornalismo na ECO. Os telejornais sempre exerceram fascínio sobre mim: a possibilidade de saber e ver o que se passava em diversos lugares do mundo, e a narrativa envolvente dos noticiários chamavam minha atenção. Esse interesse, inclusive, serviu de motivação para a opção pelo jornalismo, e se desenvolveu ao longo do tempo, com a ajuda das aulas de Telejornalismo, ministradas pela Prof^a.Dr^a. Beatriz Becker e de Telejornalismo II, ministradas pela Prof^a.Dr^a Cristina Rego Monteiro. Minha atuação como bolsista do TJUFRJ, onde tive a oportunidade de atuar como repórter de vídeo e experimentar a linguagem audiovisual de modo atrelado à reflexão crítica sobre suas possibilidades, estimulou minha reflexão sobre o papel do telejornalismo nos dias atuais. Já o interesse pelo jornalismo internacional se consolidou no sétimo período da faculdade, durante meu estágio no escritório carioca da agência de notícias internacionais EFE.

Para alcançar os objetivos propostos e realizar esse percurso, contamos com a contribuição de autores relevantes para a pesquisa como Nelson Traquina, Alfredo Vizeu e Beatriz Becker, e com a metodologia de leitura crítica dos telejornais proposta por Becker. Construímos, em primeiro lugar, uma reflexão sobre a função social e as rotinas produtivas do jornalismo, a partir de uma leitura crítica das principais teorias e hipóteses específicas desse campo de conhecimento, tema do próximo capítulo.

No capítulo 3, apresentamos as principais características do jornalismo internacional, como as rotinas de produção e as estruturas das editorias, discutiremos o papel das agências internacionais e refletiremos sobre a distribuição das notícias pelas regiões do mundo globalizado. No capítulo seguinte, investigamos as características narrativas dos noticiários televisivos, buscando compreender como a realidade social cotidiana é construída na tela da TV, e realizaremos uma leitura dos principais estudos sobre telejornalismo realizados hoje, apropriando-nos dos que considerarmos mais relevantes para a pesquisa.

No capítulo 5, realizamos a análise comparativa quantitativa e qualitativa das matérias veiculadas pelo Jornal Nacional e o Jornal da Record durante o período de realização da monografia. Classificamos as editorias dos telejornais e mostramos o espaço dado às notícias internacionais. Analisamos a distribuição das matérias internacionais pelas regiões do mundo, a fim de descobrir os espaços reservados à América Latina. Por fim, estudamos as construções de sentido através da análise das narrativas do JN e do JR sobre os países da região. Os resultados da reflexão e da análise dos noticiários são sistematizados no último item do trabalho “Em busca de resultados”.

2. Uma reflexão sobre o Jornalismo

No ano em que a imprensa brasileira completa 200 anos, é pertinente fazer uma reflexão sobre o papel do jornalismo na nossa sociedade. Desde o surgimento da “Gazeta do Rio de Janeiro” e do “Correio Braziliense”, os dois primeiros jornais do Brasil, a imprensa registrou e participou, de certa maneira, do desenvolvimento da democracia nacional, enfrentando a censura em determinados momentos, como no Império, no Estado Novo e na ditadura militar. O jornalismo, porém, sempre esteve também associado às relações de poder e aos interesses políticos. O primeiro jornal só foi fundado em 1808, com a vinda da Família Real para a colônia, apesar de os colonizadores terem aportado aqui três séculos antes. Algumas tentativas de instalar tipografias no Brasil foram feitas antes de 1808, mas Portugal mantinha um rigoroso controle do que circulava no Reino e nas colônias, e todo documento que precisava ser impresso era produzido na metrópole e enviado para o Brasil.

Além disso, entre os diversos fatores que são apontados como responsáveis pelo atraso do surgimento da imprensa no Brasil, destacam-se o alto índice de analfabetismo e o tardio desenvolvimento das cidades, que acontece a partir do século XIX. Por isso, o “Correio Braziliense”, fundado em junho de 1808, e a “Gazeta do Rio de Janeiro”, fundada em setembro do mesmo ano, não surgiram diante de um mercado de leitores muito promissor. Eles eram destinados a uma pequena elite social e, como não conseguiam se manter com assinaturas, precisavam da ajuda oficial, que chegava por meio de financiamento e da aquisição de assinaturas por parte da Corte (HOHLFELDT, 2007, p.2).

O “Correio” era impresso em Londres para driblar o monopólio da Imprensa Régia, que durou até 1822 e só imprimia itens que não se opusessem à Corte. O jornal tinha um caráter crítico e analisava as medidas da administração portuguesa no Brasil, mas só aderiu a bandeira da Independência do Brasil às vésperas desse acontecimento histórico. Logo depois, o jornal deixou de ser produzido, já que seu editor, Hipólito José da Costa, julgou ter diminuído a importância do periódico frente o aumento do número de novas

publicações brasileiras. Já a “Gazeta”, foi, desde o início, um jornal “chapa branca”. Publicava editais, documentos oficiais e divulgava a vida social dos integrantes da Côrte. Por isso, sempre contou com a permissão e o apoio reais. Estudos sobre a história da imprensa no Brasil explicam porque o jornalismo se constituiu e consolidou com base em suas relações com o poder político e o governo, e até hoje é influenciado por esses interesses.

2.1. Jornalismo como forma de conhecimento

Não só no Brasil, mas em todo o mundo, a função e os efeitos sociais do jornalismo também levaram muitos pesquisadores a estudá-lo como instrumento estratégico de definição de valores e de formação de opinião. Teorias do jornalismo tentaram identificar que tipo de mensagem está sendo levado ao público e qual o impacto do conteúdo dos jornais sobre a dinâmica social. Durante muito tempo, esses estudos sustentaram que as informações dos noticiários não tinham tanto valor para a formação dos cidadãos quanto os conhecimentos produzidos em laboratórios e círculos acadêmicos. No entanto, essa percepção foi sendo transformada ao longo do tempo.

Segundo Meditsch (2007, p.2), o jornalismo é uma forma de conhecimento, mas essa afirmativa requer uma reflexão complexa. Alguns enxergam a imprensa apenas como uma forma de degradar o saber produzido pela Ciência, que consideram a única fonte de conhecimento com credibilidade. O autor cita as observações do intelectual austríaco Karl Kraus sobre este assunto:

A imagem de que um jornalista escreve tão bem sobre uma nova ópera como sobre um novo regulamento parlamentar tem algo de acabrunhante. Seguramente, ele também poderia ensinar um bacteriologista, um astrônomo e até mesmo um padre. E se viesse a encontrar um especialista em matemática superior, lhe provaria que se sente em casa numa matemática ainda mais superior. (KRAUS apud MEDITSCH, 2007, p.3)

Na visão de outros estudiosos, como o ex-jornalista e sociólogo Robert Park (PARK apud MEDITSCH, 2007, p.4), o jornalismo é um saber, porém, menor que a Ciência e se

destaca das outras formas de conhecimento, pois tem características próprias. A veiculação do conhecimento pela mídia acontece de forma específica: a imprensa reproduz os conhecimentos produzidos por ela mesma e os conhecimentos produzidos por outras instituições sociais. Observamos, no entanto, que o jornalismo é uma forma diferente de produzir e reproduzir conhecimento porque opera no campo lógico da realidade; dirige-se a um público universal, que não precisa dominar códigos específicos de um campo do saber para compreender a mensagem – embora a universalidade da linguagem jornalística esteja determinada por um ideal democrático; ao mesmo tempo, noticia novidades partindo do pressuposto de que o público possui um repertório prévio; revela o fato em sua singularidade e inclui aspectos ignorados por outros campos do saber; apesar de sua narrativa sempre apresentar um modo de ver e contar a realidade.

A velocidade de produção da imprensa é outra característica inerente às condições de produção do texto e indica a necessidade da sociedade de ser abastecida com novas notícias o tempo todo. Desse modo, o jornalismo passa a assumir um papel essencial nas sociedades complexas. A rapidez, no entanto, implica na falta de garantia de exatidão na produção das informações.

O jornalismo, portanto, constitui-se numa forma específica de produção e reprodução de conhecimentos. Ele revela, de forma singular, diferentes aspectos da realidade social cotidiana, ainda que modelando os sentidos dos discursos, sob a influência de poderes políticos e financeiros.

No próximo item, realizamos uma leitura crítica das principais teorias do jornalismo, o que nos permitirá refletir sobre o papel estratégico dos telejornais e sobre a produção de sentidos por esses noticiários de forma mais consistente.

2.2. O Estudo do Jornalismo no Século XXI

Ao longo dos anos, os pesquisadores revelaram que o jornalismo não é um espelho da realidade, nem o jornalista é um mediador neutro e imparcial dos fatos sociais apurados e transformados em notícias. Por isso, a Teoria do Espelho, que surgiu atrelada às

mudanças ocorridas na imprensa americana durante a segunda metade do século XIX, deixou de ser valorizada. Segundo Pena (2005, p.126), naquele período havia uma grande preocupação em separar os fatos e as opiniões no noticiário. A crença na capacidade do jornalismo de ser totalmente objetivo era reforçada pelas regras de texto e procedimentos profissionais criados nas redações na década de 20. A metáfora era clara. Os discursos jornalísticos eram compreendidos como reflexos da realidade e os textos dos repórteres funcionavam como um relato fiel dos acontecimentos do cotidiano, livres de qualquer carga de subjetividade ou opinião.

O desenvolvimento dos estudos de jornalismo resultou em novas abordagens sobre os processos de construção das notícias, o papel do jornalismo e a função dos profissionais. Outras teorias passaram a sugerir que a imprensa funciona como um agente do real, e que, ao produzir discursos sobre a realidade, participa da sua construção. Neste item do trabalho, propõe-se um breve passeio pelos estudos que, acreditamos, mais traduzem os processos que permeiam o dia-a-dia da imprensa, inclusive da cobertura internacional.

Em 1950, a Teoria do *Gatekeeper* mostrava a importância da decisão de cada jornalista sobre o que é ou não notícia. O profissional foi compreendido como uma espécie de porteiro, que usava critérios individuais para definir quais fatos “passariam” pela cancela e mereceriam ser publicados. Outros estudos revelaram que as decisões sobre as notícias publicadas e veiculadas resultavam muito mais de critérios institucionais das empresas e da rapidez que dominava o dia-a-dia dos jornalistas. No entanto, todas essas pesquisas foram importantes para indicar como e em que momento da rotina produtiva um fato social é selecionado para ser transformado em acontecimento midiático, como aquelas dedicadas a descobrir como as rotinas de produção, as relações no ambiente de trabalho e os valores das empresas jornalísticas influenciavam a atribuição do valor de notícia a um fato. Um exemplo foi a Teoria Organizacional, originária de um estudo sobre os métodos de trabalho adotados pelas companhias de comunicação.

Sem dúvida, toda empresa visa ao lucro e os fatores econômicos também influenciam a imprensa. Pena (2005, p.136) acredita que o setor comercial é o mais importante de um jornal, já que é o responsável por captar anúncios para sustentar a publicação. Exemplo recente é o espaço publicitário encomendado pela Casa & Vídeo aos jornais O Globo e Extra, ambos da Infoglobo, para o domingo em que a rede de lojas

completou aniversário. Em função da grande quantidade de páginas destinadas ao comercial, a redação foi obrigada a produzir mais material noticioso que o normal, montando um esquema diferente de fechamento para aquele fim de semana. Na televisão, as reportagens que atingem mais telespectadores são priorizadas, pois quanto maior a audiência, maior a receita do veículo.

Além do interesse pelo lucro, as relações de trabalho e a cultura organizacional das empresas também têm peso significativo na atualidade. A autoridade institucional e a possibilidade de sofrer sanções, assim como o imaginário de que os editores são profissionais gabaritados para ter uma interpretação mais ampla dos fatos, diminuem a contestação pelos repórteres dos sentidos que os editores atribuem aos acontecimentos e o enfoque que eles dão à notícia. Além disso, a competitividade pela mobilidade profissional, a ausência de expressivas interferências sindicais nas redações e o valor que a busca pela notícia tem para os jornalistas são realidades do ambiente de trabalho dos profissionais de imprensa e que pesam em sua práxis. Se a produção de notícias for vista por essa perspectiva, fica claro que a principal fonte de expectativas, orientações e valores profissionais dos jornalistas não é apenas o público, a quem o noticiário se destina, mas os colegas que trabalham no mesmo veículo e nos concorrentes, além de seus superiores.

A preocupação das empresas de comunicação em não ser “furadas” pelos concorrentes, o que gera uma espécie de retro-alimentação (a imprensa pautando a si mesma) determina, muitas vezes, a semelhança dos conteúdos que recebemos em nossas casas todos os dias. Isso também acontece porque cada vez os repórteres saem menos às ruas. O contato com a cidade proporciona um olhar diferenciado e a descoberta de histórias interessantes. No entanto, a permanência na redação faz com que os produtos de informação sobre o cotidiano da cidade sejam muito parecidos, pautados pela própria imprensa e pelos acontecimentos oficiais. Essa realidade também se aplica ao jornalismo internacional.

A vigilância do conteúdo que a concorrência está produzindo é, inclusive, apontado por Traquina (2003, p.89-90) como um valor-notícia, determinando, às vezes, a escolha pela publicação de um material. Essa cobrança é feita aos repórteres, que, durante as coberturas do dia-a-dia, estão sempre atentos ao que o colega do rádio está dando no ar. Quando chegam à redação, eles costumam correr para a internet para verificar o que os *sites*

publicaram sobre os fatos que eles também apuraram. Por fim, assistem aos telejornais que enviaram repórteres para uma determinada cobertura para se certificar de que não ficaram para trás. Essa forma de trabalho e o aproveitamento dos mesmos conteúdos produzidos pelas assessorias de imprensa por diferentes veículos, sem uma investigação diferenciada do fato, contribuem para a circulação de conteúdos semelhantes pelos meios de comunicação. As abordagens diferenciadas são cada vez mais raras, até porque dependem das fontes, da competência de cada repórter e das condições de produção das reportagens. Geralmente, as melhores matérias são as trabalhadas por mais tempo, destinadas a programas e edições de fim de semana.

Diante da pressão pelo não-furo, os profissionais, acabam ajudando uns aos outros, passando informações que o colega não tem ou trechos de entrevistas que ele perdeu. Isso, claro, é comum nas coberturas do dia-a-dia, como citado anteriormente. No caso de informações exclusivas, que o repórter sabe que só ele tem, a camaradagem perde espaço para a valorização do próprio trabalho. Essa “amizade”, que, na maioria das vezes, nasce do convívio diário na cobertura das mesmas pautas de *hard news* pelos diferentes veículos, ou de experiências anteriores em que os profissionais trabalharam juntos numa mesma empresa, é muito valorizada pelos jornalistas.

Para entender as relações entre os profissionais de imprensa e como elas influenciam o noticiário, alguns estudiosos chegaram a aplicar o conceito de gnose ao jornalismo (um conhecimento secreto, cuja transmissão é essencial para a formação da identidade de um grupo) e criaram a Teoria Gnóstica. Além do “espírito de corporativismo” descrito acima, há crenças e tradições na carreira que merecem ser analisados. Na visão desses teóricos, os jornalistas são uma tribo, com rituais de iniciação, vocabulário, comportamento e conhecimentos específicos. Esses conhecimentos são transmitidos de um profissional para outro e tendem a ficar restritos a eles, como se a categoria sentisse a necessidade de conservar em suas mãos, guardado a sete chaves, o poder de decidir o que estará na mídia. Há também a sensação, compartilhada pelos integrantes dessa tribo, de que podem controlar o tempo e o espaço.

Os repórteres sempre tentam superar a proximidade do horário de fechamento da edição na qual estão trabalhando e o espaço apertado reservado a suas histórias para fazer a mensagem chegar ao público. Pena (2005, p.140) entende que essa capacidade de

transcender limites faz dos jornalistas mais que transmissores de conhecimento, produtores de saber, uma prática inerente à sua atividade.

É ainda importante analisar os métodos de trabalho práticos que levam à reprodução dos discursos nos veículos de comunicação. A Teoria dos Definidores Primários defende que a imprensa está acostumada a sempre reproduzir, nas reportagens, os discursos das fontes que têm posições institucionalizadas, os definidores primários. A opinião expressa por estes definidores direciona o tratamento subsequente dado à informação e determina referências que norteiam os futuros debates e coberturas sobre determinado assunto. A aplicação desta teoria pode ser observada quando lemos as opiniões de ministros, presidentes, policiais e economistas nos jornais de todos os dias. Vale ressaltar que a busca pela objetividade e a pressão do *deadline* também influenciam na escolha por estas fontes. Ao reproduzir o comentário de um definidor primário para legitimar a informação, o jornalista não precisa comprová-la com dados. Não é ele quem está dizendo, mas uma pessoa identificada para o leitor.

Se o ministro disser que a violência caiu, o repórter já está protegido, não precisa procurar a confirmação. No máximo, entrevista alguém da oposição que defenda uma, mas quem perde é o leitor, que não sabe qual é a informação exata. (PENA, 2005, p.154)

Como desdobramento da Teoria dos Definidores Primários, há a Teoria da Espiral do Silêncio, segundo a qual a constante repetição de pautas e discursos, e o espaço negado a determinados assuntos na grande mídia tendem a tornar estes últimos cada vez menos presentes na realidade social que os cidadãos vêem representada pela imprensa. Essa teoria é facilmente notada na cobertura dos grupos socialmente minoritários.

Duas outras hipóteses dos estudos de jornalismo, no entanto, nos servem como ferramentas teóricas para o desenvolvimento deste trabalho: a Teoria do Agendamento, ou Agenda *Setting*, e a Teoria do *Newsmaking*, que definem, respectivamente, a forma como o noticiário agenda as discussões sociais e os efeitos das rotinas produtivas nos conteúdos veiculados, ou seja, na construção das notícias. Essas duas hipóteses são especialmente importantes para um trabalho que pretende analisar as narrativas dos produtos de informação de maior impacto na atualidade: os telejornais, que nos oferecem modos de ver, conhecer e experimentar a realidade social cotidiana, transformando os fatos sociais em acontecimentos midiáticos.

Os jornalistas fabricam diariamente um produto, em grande parte, fruto de um trabalho criativo, em escala industrial. Apesar de haver técnicas de construção dos textos jornalísticos e da semelhança dos conteúdos, como foi dito anteriormente, não podemos esquecer que cada repórter escreve o seu texto, e esse trabalho é resultante de um repertório individual. Os textos podem até ser alterados por editores e redatores, mas eles nunca serão completamente iguais aos dos outros jornalistas que participaram da cobertura. Para organizar a produção e possibilitar a execução do trabalho jornalístico, foi necessário estabelecer regras nas empresas de comunicação.

É da forma como as rotinas vividas pelos jornalistas na redação e na rua influenciam no produto final de seu ofício que se ocupa a Teoria do *Newsmaking*. Ela se concentra em analisar o emissor do processo comunicacional: suas práticas, decisões que transformam os acontecimentos em notícias e as etapas do processo de produção do noticiário.

De modo geral, admite-se que os meios de comunicação de massa devem: a) tornar o reconhecimento de um fato desconhecido como algo notável de ser noticiado; b) elaborar relatos capazes de retirar do acontecimento seu nível de particularidade (idiossincrático), tornando-o generalizável (contextualizado); c) organizar temporal e espacialmente este conjunto de tarefas transformadoras, de modo que os eventos noticiados fluam e possam ser explorados racional e planificadamente. (HOHLFELDT, 2001, p.207)

Segundo Hohlfeldt (2001, p.204), os estudos do *newsmaking* surgiram em torno dos processos do *gatekeeping* para tentar entender quais os fatores determinantes para a atribuição do valor de notícia a um fato. Concluiu-se que assim como certas normas profissionais guiam a determinação da noticiabilidade de um fato, há também crenças e valores subjetivos próprios de cada profissional, ou compartilhados pela categoria, com grande peso nesse processo. As expectativas e relações do jornalista com outros profissionais, fontes e chefia estão presentes nas preocupações dos repórteres durante a produção do noticiário, como já mencionado na parte em que tratamos da Teoria Organizacional. Segundo a hipótese do *Agenda Setting*, o jornalismo também pauta as expectativas, opiniões e preocupações individuais e sociais do público.

De acordo com Walter Lippmann (apud HOHLFELDT, 2001, p.192), a percepção que temos da realidade não é direta, mas mediada pela forma como a imprensa constrói discursivamente nossos modos de ver. As notícias ajudam a constituir nossa subjetividade,

por meio do reforço ou do questionamento de conceitos inseridos na sociedade. Assim como as matérias dos jornais, rádios, TVs e *sites* viram assuntos de conversas entre amigos e familiares e, às vezes, ajudam os cidadãos a fazer escolhas no dia-a-dia, elas também pautam discussões e norteiam decisões tomadas nos campos político e governamental. A cobertura das eleições municipais de 2008 é um bom exemplo. Ela mostra como as matérias que abordavam os problemas do Rio de Janeiro levaram os candidatos à prefeitura a propor soluções. Na mesma linha, a série “Ilegal, e daí?”, publicada pelo jornal O Globo sobre a desordem urbana do Rio levou à instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), de mesmo nome, na Câmara de Vereadores para investigar alguns casos apresentados nas reportagens. Mais adiante, surgiram operações, como a “Ipabacana” e a “Copabacana”, coordenadas por órgãos da prefeitura para atuar no combate à desordem nos bairros da Zona Sul da cidade.

O agendamento não acontece de forma automática. O fluxo contínuo de informação gera um efeito de enciclopédia (MCCOMBS apud HOHLFELDT, 2001, p.190), e faz com que os cidadãos armazenem na memória os meandros de um acontecimento e se lembrem dele quando algo parecido ou relacionado a esse fato acontece. A repetição das mensagens também é um recurso que garante a apreensão pelo público de temas e conceitos veiculados. É possível afirmar, então, que a influência que os meios de comunicação exercem na subjetividade e na vida prática dos receptores acontece a médio e longo prazos.

Portanto, dependendo da mídia, sofremos sua influência não a curto, mas a médio e longo prazos, não nos impondo determinados conceitos, mas incluindo em nossas preocupações certos temas que, de outro modo, não chegariam a nosso conhecimento e, muito menos, tornar-se-iam temas de nossa agenda. (HOHLFELDT, 2001, p.193)

Considerando a comunicação uma via de mão dupla, ainda que sem simetria, a Teoria do Agendamento propõe que o público e, no caso dos telejornais, a audiência, não exerce um papel passivo nos processos de comunicação na produção e na recepção das informações jornalísticas. Os indivíduos também pautam os noticiários, ou por insistirem nos assuntos que consideram relevantes, ou por serem agentes dos acontecimentos. Exemplos são as matérias feitas a partir de denúncias do cidadão comum. A inserção das notícias na agenda das pessoas também depende do grau de relevância que o receptor

reconhecerá no fato e o sentido ao acontecimento por ele atribuído. Essa decisão é individual e dá ao público um papel ativo na relação com a imprensa.

Essas teorias que tentam explicar a forma como os processo de produção, as decisões individuais de cada jornalista e os interesses econômicos das empresas de comunicação interferem na construção dos discursos midiáticos, assim como a influência dos noticiários no cotidiano dos cidadãos, nos permitem compreender como os discursos jornalísticos reforçam o *status quo*. Interesses econômicos, políticos e sociais interferem no noticiário, mas nem sempre essa influência se dá diretamente na decisão do que será veiculado. A linha editorial do veículo e a necessidade dos meios de comunicação de massa de ter informações consumidas são um primeiro direcionamento que parte dos donos das empresas e chegam às casas dos leitores, ouvintes, telespectadores e internautas.

Não se pode esquecer ainda que os interesses individuais dos próprios repórteres, dos editores, diretores e donos dos veículos fazem com que alguns acontecimentos mereçam atenção da mídia em detrimento de outros igualmente relevantes para o público. Na prática, o que realmente tem impacto na produção do noticiário são as regras de trabalho dos jornalistas e a forma como os profissionais se relacionam dentro da empresa e com as instituições públicas. A interpretação que editores e repórteres dão aos fatos também têm uma carga subjetiva que está presente nos textos.

A reflexão sobre os aspectos que influenciam a produção dos discursos jornalísticos e sobre o papel da mídia na experiência que os cidadãos estabelecem com a realidade é fundamental nos estudos do telejornal, principal meio de informação da maior parte da população brasileira. Nesse trabalho, as teorias e hipóteses estudadas irão nos servir como diretrizes na nossa discussão sobre os sentidos construídos sobre a América Latina.

2.3. A noticiabilidade e os valores-notícia

A noticiabilidade determina a aposta em certas pautas para serem trabalhadas ao longo do dia. Quanto maior a possibilidade de render boas imagens (principalmente para TV e internet, mas também para jornais e revistas), polêmicas e quanto maior a

proximidade do acontecimento com a realidade do público-alvo, maior a chance de a imprensa investir no fato. Segundo Hohlfeldt (2001, p.208), a noticiabilidade é a aptidão que um fato tem de se tornar notícia e é calculada pelo valor-notícia, o conjunto de elementos e princípios avaliados pelos jornalistas para verificar a potencialidade de um fato produzir resultados e novos eventos.

Traquina (2003, p.63-77) traça um panorama dos valores-notícia pontuados por importantes teóricos. Analisando os trabalhos de Galtung e Ruge, pioneiros nessa discussão, passando por Ericson, Baranek e Chan, e Wolf, o pesquisador enfatiza que os valores-notícia têm se mantido praticamente os mesmos ao longo do tempo. Não podemos esquecer, no entanto, que as regras editoriais das empresas de comunicação, e o momento histórico, social, econômico e político influenciam na avaliação dos profissionais sobre o que é notícia.

Segundo Traquina, os valores-notícia estão divididos em dois tipos: de seleção e de construção. O primeiro se refere ao processo de escolha dos fatos que entraram na pauta e o segundo se refere à elaboração do noticiário. Os valores-notícia de seleção podem ser divididos em critérios substantivos, as características que dão relevância ao fato; e critérios contextuais, relativos às condições do processo de construção das notícias.

Os valores-notícia de seleção definidos por critérios substantivos são a morte; a notoriedade do ator principal do acontecimento; a proximidade geográfica e social do fato com o público; o impacto dos acontecimentos sobre a vida do receptor; o tempo; a notabilidade pela quantidade de pessoas envolvidas, pela inversão do que o senso comum entende por normal, por sua condição de insólito, ou quando o fato é consequência da falha, do excesso ou da escassez; o inesperado; o conflito, a controvérsia ou a violência; e o escândalo. Já os valores-notícia de seleção definidos por critérios contextuais são a facilidade para fazer a cobertura do fato; a quantidade de vezes em que a matéria já foi feita e o intervalo de tempo entre uma publicação e outra; a visualidade ou a possibilidade de fazer boas imagens, considerada principalmente pelas equipes de TV; a preocupação em não ser furado pela concorrência; a quantidade de notícias já produzidas durante o dia (às vezes um fato não é muito relevante, mas rende matéria pela escassez de assunto).

Por fim, os valores-notícia de construção são a simplificação, ou a ausência de complexidade de um acontecimento; a amplificação da atitude dos atores do acontecimento

ou de suas conseqüências; o grau de relevância; a personalização, que facilita a identificação pelo público do acontecimento como negativo ou positivo; a dramatização; e a consonância com uma narrativa já estabelecida.

Entendemos que há um valor-notícia central na produção dos noticiários internacionais, que nos interessam nesse estudo: o foco na elite, tanto em termos de nações, quanto em termos de pessoas. Há predominância de matérias sobre países de grande importância econômica e sobre pessoas relacionadas com o poder, mesmo quando os assuntos são as nações mais pobres. De acordo com Traquina,

Que as notícias sejam centradas na elite, em termos de pessoas, não é muito estranho, segundo Galtung e Ruge. As ações da elite são, pelos menos geralmente e na perspectiva a curto prazo, mais importantes do que as atividades dos outros: isso se aplica tanto às nações de elite, quanto às pessoas de elite. (TRAQUINA, 2003, p.72)

Para estudar a produção de sentidos pelos telejornais, selecionamos alguns valores-notícia que ajudarão na reflexão sobre as matérias que foram veiculadas durante o período escolhido para a realização da monografia. Percebemos a grande quantidade de notícias produzidas a partir desses valores e consideramos que a opção por eles é significativa para a compreensão da visão de mundo construída pelos noticiários. São eles: a morte; a proximidade geográfica e social do fato com o público; o impacto dos acontecimentos sobre a vida do receptor; a dramatização; e a consonância com uma narrativa já estabelecida.

No próximo capítulo, refletiremos sobre os principais aspectos envolvidos na cobertura internacional realizada pela imprensa brasileira hoje, discutindo as questões que levam à desigualdade na atenção dada às diferentes regiões do mundo.

3. Pensando o jornalismo internacional

Há muitas discussões sobre a definição de jornalismo internacional, mas para os efeitos deste trabalho adotaremos a que o define como o noticiário dos fatos que se passam fora das fronteiras nacionais. Ela é questionada, por exemplo, no caso dos países integrantes da União Européia. Por se tratar de um bloco de integração econômica e política, é difícil definir o que está dentro e fora das fronteiras nacionais. Há ainda profissionais e estudiosos que adotam o termo para designar a cobertura da mídia estrangeira sobre o Brasil. Apesar disso, consideramos a primeira definição mais apropriada para que alcancemos os objetivos propostos nesta investigação.

Ao contrário das outras editorias, que cuidam de temas específicos, o jornalismo internacional deve dar conta dos acontecimentos de economia, política, esporte, saúde e cultura de um determinado país. Alguns jornais publicam em outras editorias histórias que acontecem no exterior, mas envolvem diretamente os brasileiros. Por isso, é comum ver textos de correspondentes internacionais publicados nas demais editorias. No caso dos telejornais, fica mais difícil perceber essa distribuição, já que as matérias são apresentadas nos blocos de acordo com uma hierarquização estabelecida pela equipe de editores.

Outro tipo de tratamento dado ao trabalho dos correspondentes é a produção de matérias específicas para acrescentar informações a uma reportagem com enfoque nacional. Na eleição municipal de 2008, O Globo publicou uma série de reportagens que mostrava como cidades estrangeiras resolveram problemas semelhantes aos enfrentados pelo Rio de Janeiro. Essas matérias foram feitas pelos correspondentes do jornal e foram publicadas na editoria O País, que ficou responsável pela cobertura da eleição.

Os índices de audiência do Jornal da Record e do Jornal Nacional, que serão expostos de forma mais detalhada no capítulo 5, a tímida cobertura internacional realizada pelas rádios, os baixos índices de leitura de jornal impresso e o ainda pequeno acesso à internet domiciliar no país, que será discutido no capítulo 4, nos permitem concluir que a maior parte da população brasileira toma conhecimento dos assuntos internacionais por meio dos telejornais. A cobertura internacional feita por essas mídias é determinante para a visão de mundo que o público tem. Portanto, os jornalistas que trabalham nesta editoria –

sejam eles correspondentes, enviados especiais, ou redatores e editores que ficam nas redações – precisam ser cuidadosos com o tratamento dado às notícias.

Para a maioria absoluta das pessoas, sua visão do mundo e as interpretações sobre ele provêm principalmente das notícias internacionais. E, ao definir e interpretar a realidade, também definem os limites possíveis da realidade: não se pode fazer nada sobre o que não se conhece. (SALINAS apud AGUIAR, 2008, p.20)

Para a cobertura internacional, a imprensa costuma contar com correspondentes expatriados, enviados especiais, *freelancers*, *stringers* ou colaboradores fixos, serviços de agências de notícia e material de jornais estrangeiros. No caso das TVs, o material internacional é produzido, majoritariamente, por correspondentes, enviados especiais e agências de notícias.

O correspondente expatriado é um jornalista enviado para uma temporada longa no exterior. Ele é responsável por dar um olhar brasileiro à cobertura dos fatos daquele país e por relatar detalhes dos acontecimentos e do seu entorno, já que o conteúdo das matérias das agências internacionais é muito pasteurizado. Por isso, o correspondente deve manter-se informado sobre o noticiário brasileiro para não perder as referências do que interessa ao público. O cargo é muito cobiçado nas redações e costuma ser ocupado por profissionais mais experientes ou com alguma intimidade com o país para onde é enviado. Na rotina de trabalho, o correspondente deve estar atento à imprensa local e aos comunicados e eventos oficiais do governo. Muito se critica a redução da quantidade de correspondentes nas editorias de Inter promovida nos anos últimos anos porque o uso massivo do material de agência provoca a homogeneização e a falta de contextualização das matérias.

As agências internacionais são empresas especializadas em manter jornalistas espalhados pelo mundo e transmitir o material produzido aos assinantes, que são os veículos de informação de diversas partes do globo. Para essas empresas, o custo de manter repórteres em diferentes países é compensado pela grande quantidade de assinantes.

Medidas pelo número de escritórios¹, as cinco maiores agências do mundo hoje são a americana Associated Press (AP), com 243 escritórios; a britânica Reuters, com 213; a espanhola EFE, com 181; a russa Telegrafnoe Agentstvo Sovetskogo Soiuza (ITAR-TASS), com 130; e a também americana Bloomberg, com 126.

¹ Dados recolhidos nos *sites* das agências em novembro de 2008.

As agências internacionais podem ser privadas, públicas ou estatais. Exemplos de empresas privadas são a Reuters, AP e a Bloomberg. Como pública, citamos a EFE, que é gerida por um conselho formado por representantes do governo e da sociedade civil. Já entre as estatais, está a russa ITAR-TASS. Independente do modelo adotado, as agências internacionais de notícias funcionam de acordo com interesses específicos. Isso porque os donos das empresas privadas são grandes empresários, que como os donos das corporações de mídia brasileiras, mantêm relações com o poder. Já as agências estatais funcionam como uma espécie de assessoria de imprensa do governo de seu país. E as agências públicas, de certa forma, representam interesses nacionalistas. No serviço em português do escritório da EFE no Rio de Janeiro, é comum chegar matérias que interessam apenas ao público espanhol.

O processo de produção das agências de notícias funciona basicamente da seguinte forma: as matérias escritas pelos profissionais nas cidades onde estão baseados são necessariamente enviadas à redação central, na cidade-sede da empresa,

onde uma equipe de editores revisa e padroniza os textos, de acordo com orientações editoriais preestabelecidas. Só a partir deste trabalho de edição é que os textos, agora devidamente formatados como ‘despachos’, são enviados para os escritórios locais de redistribuição – ou seja, onde há clientes e veículos de imprensa que pagam para receber o serviço. (AGUIAR, 2008, p.26)

A grande quantidade de textos das agências aproveitados pela imprensa brasileira gera como principais problemas a falta de contextualização e a homogeneização dos conteúdos. Como escrevem para veículos de diversas culturas, religiões e regimes políticos, os repórteres e editores das agências procuram ser bastante factuais. As matérias das agências tendem a ser menos interpretativas, conforme aponta Hohenberg.

A equipe das agências não é paga para dar opinião. Em consequência, seus repórteres e redatores são vigiados de perto para que não haja nem sombra de opinião pessoal no seu trabalho. Aos que possuem experiência e bom senso permite-se acrescentar aos fatos os antecedentes e dar uma interpretação, quando é o caso. Porém, dizer por que algo aconteceu, isto é, o processo interpretativo, é bem diferente de argumentar sobre o que devia ser feito, a prerrogativa do editorial. (apud AGUIAR, 2008, p. 49)

Ainda de acordo com Hohenberg, a culpa pela homogeneização dos conteúdos de Inter não é das agências, mas dos veículos de comunicação que cada vez mais reproduzem

o material enviado por elas. Com os correspondentes expatriados, por outro lado, as editorias de Inter evitam o filtro e a padronização dos textos das agências, garantindo uma cobertura que oferece ao público o acompanhamento e a análise dos processos que levaram ao acontecimento.

Também acontece de os meios de comunicação comprar material de agência mesmo quando mantêm correspondentes num país. Em palestras à turma de estagiários de 2008 da Infoglobo, o jornalista Fernando Duarte, correspondente do jornal O Globo em Londres, disse que numa cobertura muito grande, como os atentados terroristas ao metrô da capital do Reino Unido em 2005, seus editores dão preferência a usar matérias das agências e de jornais locais sobre o factual e pedem que ele produza uma reportagem mais aprofundada, analítica.

No caso dos telejornais, a falta de correspondentes, aliada ao tempo corrido do noticiário, leva a uma grande produção de notas cobertas e peladas, já que esses formatos podem resgatar apenas as informações e as imagens de agências e veículos locais. No entanto, essa prática prejudica a interpretação e a contextualização dos fatos noticiados.

Além de serem pautados pelos editores, os correspondentes sugerem reportagens, pois estão na cobertura *in loco* e são os mais indicados para dizer quais assuntos rendem boas matérias. Eles ficam baseados em uma cidade, mas são responsáveis por cobrir todo o país e as nações próximas. É o caso de Ari Peixoto, correspondente da TV Globo. Ele fica em Buenos Aires, na Argentina, mas às vezes é deslocado para outros países, como no dia 31 de outubro de 2008, quando estava em Cuba acompanhando a visita do presidente Lula à ilha. Essa realidade prejudica a cobertura, já que uma pessoa fica responsável por informar o que acontece em todas as cidades dos 36 países que formam a América Latina, o que é humanamente impossível.

Como já dissemos, as condições de produção pesam na definição da pauta. Os correspondentes estão longe das redações para as quais trabalham – a não ser que a empresa tenha um escritório na cidade onde eles estão, como é o caso da TV Globo em Nova York – e dependem da tecnologia para falar com a chefia. Os fusos horários, a língua, a cultura e as condições de transporte nas cidades/ países onde estão influenciam no tamanho e na qualidade de uma cobertura.

Outra forma de se fazer a cobertura internacional é pelo envio de repórteres especiais. Eles trabalham na redação no Brasil, mas são enviados para um país para fazer uma cobertura específica. Exemplo recente foi a eleição presidencial norte-americana de 2008, quando o editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional, William Bonner, foi aos Estados Unidos para cobrir a votação, em 4 de novembro, e os dias que se seguiram à apuração, que deu a vitória ao democrata e primeiro presidente americano negro, Barack Obama.

Alternativa também é o *stringer*. Ele mora ou passa uma temporada no país por conta própria. Trabalha como um *freelancer* e tem independência contratual, podendo vender matérias para mais de um veículo. Esse profissional tem mais mobilidade, pois pode ir às coberturas que quiser, mas, do ponto de vista dos direitos trabalhistas, é mais vulnerável que o correspondente.

Um problema constantemente apontado na cobertura internacional é a exclusão de algumas regiões do mundo da pauta. Algumas nações só aparecem no noticiário quando uma tragédia muito grande ou um fato que afeta diretamente o Brasil acontece. Essa prática dificulta o entendimento do público sobre os acontecimentos, atrapalhando, em última instância, a formação de conhecimento crítico sobre essas regiões.

Isso acontece porque o fluxo mundial de informação é desigual, mas também porque os interesses das grandes empresas de comunicação costumam acompanhar a ordem econômica e política mundial. As maiores agências internacionais estão sediadas nas grandes potências econômicas. Elas dominam quase a totalidade do mercado de agências, deixando para os países mais pobres o papel de consumidores de notícias.

Em 1980, a Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura (Unesco) publicou o relatório MacBride, uma iniciativa do Movimento dos Países Não-Alinhados (NAM, na sigla em inglês), bloco de países liderados por Índia, Indonésia e a antiga Iugoslávia, que promoveu uma discussão sobre alternativas para diminuir as desigualdades do mercado de comunicação entre as nações e promover uma Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (Nomic).

No contexto das discussões sobre a Nomic, falava-se muito no conceito de fluxos de informações e de como estes eram escandalosamente assimétricos na relação entre os países industrializados e os subdesenvolvidos. Considerava-se como fluxo o volume de informações movimentado entre os países, abrangendo desde material

noticioso e jornalístico até filmes, músicas e outras manifestações culturais. (AGUIAR, 2008, p.47)

O relatório defendia que a Nomic era tão importante para a democratização dos processos globais quanto uma nova ordem econômica. Entre as recomendações, estava a melhor distribuição do espaço do noticiário entre as diferentes regiões do mundo, o incentivo a iniciativas de mídia comunitária e regional e a colaborações entre órgãos de imprensa de países em desenvolvimento. Poucos pontos foram seguidos e o relatório foi bombardeado pelas grandes corporações de mídia e pelos governos dos países que as sediavam. Eles argumentaram que o documento significava uma ameaça à liberdade de imprensa.

Entre as recomendações que progrediram, está a criação dos *pools* de agências de terceiro mundo, como a africana Pana, a asiática Oana e a latino-americana Prensa Latina, que hoje é apenas cubana. Essas empresas, no entanto, pouco conquistaram do mercado mundial de notícias.

Outro ponto abordado pelo relatório foi o pouco espaço destinado às minorias na grande mídia. Estudos realizados na década de 1970 mostraram que a cobertura dos acontecimentos de algumas regiões do mundo era infinitamente inferior que a de fatos que se passavam nos países considerados potências econômicas. Hoje pouco mudou. Pesquisadores que se dedicam a refletir sobre o papel social dos meios de comunicação apontam para o problema da pouca diversidade nas pautas. É o caso de Becker (2005), que em seus estudos sobre o telejornalismo defende a elaboração da pauta em função do interesse público; a experimentação de novas abordagens na produção do texto e na captação das imagens; a inovação na combinação de texto e imagem, hoje muito restrita à busca pela credibilidade por meio da produção dos efeitos de realidade; a pluralidade de fontes e de interpretações; e a diversidade de temas.

Há um entendimento geral no meio acadêmico e até nas redações de que a cobertura internacional pelos meios de comunicação brasileiros é muito restrita aos Estados Unidos e à Europa Ocidental. Exemplo disso é a localização dos correspondentes expatriados mantidos pela TV Globo e pela TV Record. O Jornal Nacional conta hoje com 11 repórteres permanentes no exterior: quatro em Nova York (EUA), onde a emissora mantém um escritório; um em São Francisco (EUA); um em Jerusalém, responsável pela região do

Oriente Médio; um em Buenos Aires (Argentina), responsável pela cobertura da América Latina; um em Pequim, na China; e três na Europa – Londres, Paris e Roma. Já a TV Record conta com correspondentes em quatro cidades: Londres, Nova York, Tóquio e Jerusalém.

O interesse pelos Estados Unidos e pela Europa Ocidental é justificado por sua importância econômica e política. Após o fim da União Soviética, em 1991, os Estados Unidos assumem de vez a liderança no cenário internacional, seguidos por algumas nações da Europa Ocidental. A maioria dos países latino-americanos, inclusive o Brasil, estreitou os laços econômicos com esses países, o que justifica a idéia de que os acontecimentos desses locais têm reflexos diretos em nossa economia. Além disso, a enxurrada de produtos culturais produzidos nessas nações que invadem nossa indústria cria um sentimento de identificação muito grande com essas potências.

Se a possibilidade de um fato ter reflexos diretos na vida do público é um valor-notícia, como mostramos no capítulo 2, a proximidade geográfica entre o acontecimento e o público também o é. De acordo com Rossi,

ao se iniciar a década de 90, vários países latino-americanos decidiram seguir uma política econômica parecida, assentada na liberalização da economia e na sua abertura ao mundo, entre várias outras semelhanças. É natural que interesse ao leitor brasileiro saber como vai indo a experiência de cada um dos países vizinhos ou próximos, até para poder perceber o que pode eventualmente acontecer de parecido no seu próprio país. (apud AGUIAR, 2008, p.15)

O texto de Rossi foi escrito em 1980, uma época em que a ordem político-econômica mundial estava polarizada entre os Estados Unidos e a União Soviética. Países como a China, a Índia, o Brasil e outros latino-americanos não tinham expressão. Passados alguns anos, como já dissemos, os norte-americanos assumiram a liderança, impondo sua lógica capitalista liberal na maior parte do mundo.

Hoje o mundo vivencia o fortalecimento das nações em desenvolvimento, que estão conquistando importantes papéis nas trocas comerciais e nas operações financeiras. Entre eles, citamos o Brasil e outros latino-americanos, como Argentina, México, Chile e Venezuela. Em paralelo, a crise mundial enfraquece, ainda que simbolicamente, o mito de potência construído em torno dos Estados Unidos. O cenário internacional hoje é de transição. Como exemplo, citamos abaixo trecho de uma matéria da Agência EFE,

publicada no *site* UOL Notícias¹, sobre a participação de três nações latino-americanas na cúpula do Grupo dos Vinte (G20), que reúne os 20 países desenvolvidos e emergentes mais importantes do mundo.

Céline Aemisegger Washington, 14 nov (EFE).- A inédita participação de três países latino-americanos no redesenho do sistema financeiro internacional representa um marco para esta região e reflete a cada vez maior influência dos mercados emergentes na economia mundial.

A cúpula financeira do G20, que será realizada entre hoje e amanhã na capital americana, reúne os líderes das economias mais avançadas e uma dúzia de países emergentes de todas as regiões do mundo, entre eles Brasil, México e Argentina.

O acontecimento, que se transformou na primeira passagem deste seletto grupo para reavaliar e reformar a estrutura financeira internacional, tem uma importância especial para a América Latina, pois por um lado o Brasil preside o G20 este ano e, por outro, é a primeira vez que esta região participa de uma cúpula deste calibre.

Apesar de, em 1944, a América Latina participar da histórica conferência de Bretton Woods, onde se criaram o Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BM), também é certo que seu papel na tomada de decisões foi nulo, já que o Reino Unido e os EUA tiveram a voz ativa naquela reunião.

Por isso, a cúpula de Washington é singular em uma dupla vertente: é a primeira vez que o G20 passa da sombra ao primeiro plano da arena internacional, e também é a primeira ocasião em que a América Latina terá voz e voto para defender seus interesses.

A presença de Brasil, México e Argentina na conferência financeira reflete a importância dos mercados emergentes no terreno econômico mundial, e sua participação responde à cada vez mais insistente demanda destas economias por ter mais influência na arquitetura financeira internacional.

Outra mudança importante foi o movimento de aproximação do Brasil em direção aos vizinhos. Nos últimos anos, o país estabeleceu relações comerciais maiores com nações latino-americanas na tentativa de diversificar as parcerias e diminuir, aos poucos, a dependência dos Estados Unidos e da Europa Ocidental. Até setembro de 2008, os negócios do Brasil com países da América do Sul somaram US\$ 47,668 bilhões. O continente se tornou o segundo mais importante para as relações comerciais brasileiras, atrás apenas do europeu. A Argentina é o terceiro maior parceiro do Brasil e a Venezuela, o quinto².

¹ Disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2008/11/14/ult1808u130136.jhtm> e acessado em novembro de 2008.

² Veiculado no Jornal Nacional do dia 27 de outubro de 2008.

O passo mais significativo para estabelecer parcerias dentro do continente foi a criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul), em 1991. O Mercosul é uma aliança comercial que visa a dinamizar a economia regional, movimentando entre si mercadorias, pessoas, forças de trabalho e capitais. Fazem parte do bloco Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. A Venezuela aguarda, desde 2006, a aprovação dos congressos nacionais ao seu ingresso. É importante afirmar que estas novidades não significam o fim da dependência da América Latina das potências mundiais. Elas apenas apontam para um incipiente redesenho da ordem econômica mundial, sem que a importância dos Estados Unidos e da Europa Ocidental seja subestimada.

Desviando um pouco o foco do econômico, é importante lembrar que apesar de o Brasil ter sido colonizado por Portugal e não ter como língua oficial o espanhol, falado na maioria dos países latino-americanos, o país guarda em comum com os vizinhos o modo de colonização de exploração que foi adotado; a diversidade étnica e cultural; os problemas sociais; o modelo econômico baseado na agricultura e dependente das relações com países mais ricos; e as ideologias esquerdistas que marcaram as lutas desses países contra suas respectivas ditaduras.

No entanto, de acordo com Rossi (ROSSI apud AGUIAR, 2008, p.15), a grande maioria das publicações brasileiras parece pautar sua cobertura internacional por aquilo que interessa a *The New York Times* ou *Le Monde*. Consideramos que, como grandes corporações, as empresas de comunicação brasileiras preferem mostrar os exemplos do desenvolvimento, em detrimento das experiências econômicas, políticas, ideológicas e sociais dos vizinhos subdesenvolvidos, que poderia acrescentar conhecimento à experiência brasileira.

No cenário atual, algumas nações latino-americanas viveram fatos políticos parecidos com os do Brasil: elegeram presidentes esquerdistas e experimentaram as alegrias e as decepções do comando desses governantes. É o caso, por exemplo, de Bolívia, Venezuela, Chile e Equador. Desses, Bolívia, Venezuela e Equador encabeçam o chamado “socialismo do século XXI”, que não foi aderido por todos os países do continente, mas ao menos tem a simpatia da maioria deles, inclusive do Brasil, cujo presidente não se associa diretamente ao movimento, mas deixa clara sua aprovação ao mesmo em função de sua história política.

Diante da maior importância econômica que os países da América Latina ganharam para o Brasil e no cenário global, a leitura dos métodos e das desigualdades na cobertura internacional colaborará para o desenvolvimento da pesquisa que, por meio de uma análise comparativa, pretende refletir sobre a produção de sentidos sobre a América Latina pelos telejornais. No próximo item, estudamos as características narrativas dos noticiários televisivos, na tentativa de compreender como a realidade social cotidiana é construída por esses produtos de informação.

4. Telejornalismo

A televisão é o principal veículo de informação e de entretenimento da população brasileira. Se considerarmos que 80% dos cidadãos do país se informam pela TV¹, vemos que, apesar do rápido crescimento do número de domicílios com acesso à internet², os noticiários televisivos ainda são os produtos de informação de maior impacto na sociedade e os discursos dos noticiários influenciam outras mídias, oferecendo para todos os grupos sociais, nas suas representações, uma experiência coletiva da realidade social, ainda que modelando e intervindo nesta mesma realidade, através de suas construções discursivas e de suas características narrativas. Conforme sugere Becker,

A TV não exige escolaridade e poder aquisitivo, como outros bens e serviços culturais, é relativamente barata, consumida mais que a geladeira, segundo o IBGE. E quase todo o país é servido pela rede elétrica, o que garante a distribuição de sua programação. Por isso, as emissoras mantêm o investimento em novelas e telejornais. (2005, p.21)

Segundo o IBOPE// Net Ratings³, no mês de junho de 2008, o Jornal Nacional e o Jornal da Record estiveram entre os dez programas mais assistidos da TV brasileira nas regiões da Grande São Paulo e do Grande Rio de Janeiro. Os programas mais vistos pelo público são os jogos de futebol, as novelas e os telejornais do horário nobre.

O desenvolvimento das novas tecnologias está cada vez mais ao alcance dos brasileiros e, aos poucos, começa a mudar a forma como os media convencionais fazem jornalismo. No entanto, embora a linguagem dos telejornais já receba algumas influências dessas novas tecnologias, os formatos dos noticiários não mudaram, são os produtos mais persuasivos de informação jornalística, especialmente por causa da combinação entre texto e imagem, e exercem grande influência na forma como vivemos e vemos o mundo.

¹ Dados disponíveis em <http://redeglobo.globo.com/TVG/0,,9648,00.html>

² De acordo com a pesquisa Internet, disponível no site Almanaque Ibope, em junho de 2008, 35,5 milhões de brasileiros já tinham acesso à internet em casa. Esse valor representa pouco mais de 18% da população brasileira.

<http://www.almanaqueibope.com.br/asp/index.asp>

³ Pesquisas TV Programas RJ e TV Programas SP disponíveis no site Almanaque Ibope <http://www.almanaqueibope.com.br/asp/index.asp> e acessadas em, 15.10.2008

4.1. Telejornalismo: um gênero poderoso

Consideramos o telejornalismo um gênero, com linguagem, estrutura e elementos discursivos próprios. Ao selecionar os principais acontecimentos do país e do mundo e mostrá-los ao Brasil nos televisores, os telejornais agem como mediadores da experiência única, cotidiana e coletiva que os indivíduos têm com o real. A função objetiva do telejornal é narrar os principais acontecimentos, contar as novidades do dia no país e no mundo. Subjetivamente, porém, organiza e direciona nosso modo de perceber o mundo. São construídos no limite entre a narrativa e o acontecimento. Como seus personagens são reais, agem, falam nas ruas e instituições sociais, e sua matéria-prima é o fato, os telejornais provocam efeitos de realidade (BECKER, 2005, p.22-45). As filmagens dos acontecimentos no momento em que eles acontecem, levando os “flagrantes do real” até a casa do telespectador, além das tomadas “ao vivo”, reforçam no público a sensação de que ele está diante da verdade objetiva, como e quando ela aconteceu. Esses recursos também são usados para reforçar a credibilidade e o sentido de objetividade dos telejornais, como veremos a seguir.

No entanto, a produção dos telejornais é caracterizada por uma sucessão de escolhas dos muitos profissionais que compõem a equipe. A primeira escolha, quando o jornalista exerce a função de *gatekeeper*, como mostramos no capítulo anterior, é sobre qual acontecimento merece ser noticiado em meio à diversidade de fatos sociais que se passam no Brasil e no mundo.

Ao resgatar a rápida análise dos valores-notícia que fizemos anteriormente, veremos que a possibilidade de ter uma boa imagem pode fazer com que um acontecimento entre na pauta do telejornal. A determinação da ordem em que as notícias vão entrar no ar configura a intervenção de um profissional na escolha do que é mais importante e deve ser apresentado primeiro. Há ainda o processo de produção das matérias, no qual alguns personagens são ouvidos em detrimento de outros. Os *takes* são feitos após a equipe de reportagem avaliar qual é a melhor imagem, seja por sua carga emocional e reveladora, seja pela possibilidade de ilustrar bem um texto pré-estruturado. Na elaboração dos textos do *off* e da passagem, a hierarquização das informações também configura a intervenção dos profissionais na produção da notícia. Por fim, a edição das imagens e a combinação com o

texto são resultados de sucessivas seleções e eliminações do material bruto obtido na rua. Portanto, percebemos que as matérias são lapidadas, resultados de uma série de escolhas e interpretações e carregadas da subjetividade do texto do profissional que apurou os fatos e os compreendeu e organizou de uma maneira específica. Fica clara a impossibilidade de ver o telejornal como um espelho do real. Ele é, na verdade, o local onde o espetáculo da realidade é apresentado ordenadamente. Na perspectiva de Becker,

o telejornal é, sem dúvida, uma encenação do real, mas toda situação de comunicação, como vimos, é ritualizada, marcada por um conjunto de regras transmitidas pelas heranças culturais e relacionadas às instituições sociais onde o processo de comunicação se materializa, num determinado momento histórico. (2005, p.51)

Para Martín-Barbero e Rey, o caráter espetacular de um fato justifica sua presença na mídia e a visibilidade que ele ganha com essa exposição. O espetáculo é o acontecimento que desordena o fluxo da normalidade do cotidiano, o que foge dos padrões comuns de comportamento. Ao jornalismo, cabe ordenar o caos do espetáculo. Os telejornais organizam os fatos da realidade na tela. A hierarquização das informações e das notícias, a combinação harmônica dos recursos de áudio e imagem, e a presença do apresentador que, com uma linguagem simples, pausada e calma, informa o telespectador dos acontecimentos são formas de coordenar a realidade exposta ali. Ao produzir as matérias, os profissionais reduzem a complexidade e a diversidade social, econômica e cultural do país. As matérias poderiam reunir diferentes atores e versões sobre um acontecimento, mas, de um modo geral, as reportagens não mostram os diversos ângulos dos acontecimentos e apenas reforçam a aparente objetividade e credibilidade do discurso dos telejornais.

As narrativas dos repórteres neutralizam e reduzem a complexidade dos acontecimentos e da realidade. Por mais notícias sobre conflitos sociais e crises financeiras que uma edição de telejornal possa conter, as matérias são mescladas com reportagens que costumam mostrar exemplos de superação de conflitos, além de amenidades. Essas matérias frequentemente encerram o telejornal para que os cidadãos terminem o dia animado e com um ar leve. Ao mesmo tempo, a sucessão de vozes apresentadas nos telejornais compõe um texto aberto à interpretação da recepção. A produção não controla os

sentidos atribuídos às notícias pela audiência. Os noticiários, efetivamente, informam e criam vínculos com os telespectadores.

Segundo Machado (2000), o telejornal é produto da reunião de vozes dos apresentadores, repórteres, produtores, editores e outros profissionais que o constroem e mediam nossa experiência com o real, dos atores dos acontecimentos e dos comentaristas que dele participam. Para o autor, a forma como essas vozes se organizam caracteriza o tipo de telejornal. Nos mais tradicionais, chamados de polifônicos, não há hierarquia entre os enunciadores. As vozes se apresentam e as conclusões ficam por conta do telespectador. A função do apresentador é ler as notícias e amarrar os enunciados, informando a hora em que os outros atores entram em ação, sem comentar as notícias ou extrair conclusões. As vozes vão se encaixando umas dentro das outras: o âncora chama o repórter, que chama o personagem, criando uma rede de enunciados que concordam ou rivalizam entre si. Não cabe aos apresentadores e repórteres emitir opiniões, pois essa função é própria do comentarista.

Já os telejornais opinativos deixam claro que são frutos de interpretações da realidade. Sua principal característica é a presença do apresentador como a voz dominante no noticiário, emitindo opiniões e se sobrepondo aos demais enunciadores. Boris Casoy é o principal representante dessa vertente no Brasil. Segundo Machado (2000), apesar de haver uma tendência em se considerar os jornais televisivos opinativos como bons e os polifônicos como maus, é preciso estar atento para perceber que cada um tem suas especificidades, seus pontos positivos e negativos. Cabe ao público dizer o que prefere.

A harmonização dos elementos que compõem o telejornal e a sensação de controle do caos do cotidiano que os telespectadores experimentam tornam os noticiários lugares de estabilidade e segurança. Em suas relações com os jornais televisivos, as pessoas sabem que o mundo do lado de fora mantém o fluxo natural, apesar dos problemas, da instabilidade, das tensões e das contradições do cotidiano. Essa certeza dá segurança para que elas continuem a enfrentar o cotidiano. Vizeu e Correia comparam essa função de referência aos exercícios pela escola, pela família e pela religião.

Os telejornais funcionariam como uma *janela* para a realidade, mostrando que o mundo circundante existe, está lá, e tudo não se transformou num caos e a vida segue a sua normalidade. (VIZEU e CORREIA, 2008, p.21)

Os telejornais exercem uma função de familiarização ao transmitirem conhecimentos e ao assumirem um papel pedagógico, de acordo com Vizeu e Correia (2008, p.22). A ameaça e o medo do desconhecido são dissipados pelo conhecimento que o público adquire dos conteúdos veiculados. É por isso que o telespectador da linguagem dos noticiários é simples e aproxima termos técnicos relevantes da economia, da física, da biologia, da filosofia, enfim, de outros campos do saber. Considerando que a informação faz do indivíduo um cidadão mais capacitado, consciente e preparado para a vida social, concluímos que o conhecimento sobre os assuntos considerados relevantes para o país e, por isso, noticiados pela TV, contribuem para que uma pessoa se sinta mais segura para enfrentar sua rotina.

A objetividade, a imparcialidade, a rapidez e a proximidade com os fatos são características exploradas para dar credibilidade ao gênero telejornalístico. Os telejornais são formados por fontes combinadas de imagem e som: gravações em fita, filmes, material de arquivo, fotografia, gráficos, mapas, textos, locução, música e ruídos (MACHADO, 2000). Esses elementos são associados e funcionam dentro de uma lógica que constitui a linguagem dos telejornais. Segundo Becker (2005, p.23), as principais características dessa linguagem são garantir a veracidade do conteúdo, garantindo também a credibilidade do enunciatador. Os telejornais tentam passar certezas de veracidade e credibilidade nas enunciações, buscando sempre construir as narrativas de modo objetivo e imparcial. Partem do princípio de que há uma verdade absoluta, que pode ser reportada pelos jornalistas (BECKER, 2005, p.46). O uso da terceira pessoa, numa aproximação do discurso científico, passando a impressão de que há um distanciamento do objeto reportado, também provoca esse efeito de “espelho” do real, embora as teorias do jornalismo, como vimos, já tenham superado esta percepção sobre os discursos jornalísticos.

O tom de voz do apresentador; o falar olhando para a câmera, que dá impressão de se estar numa conversa; o ritmo da fala; a utilização de ilustrações, como gráficos, para explicar melhor a informação; a exploração de som ambiente, como numa matéria sobre um tiroteio, por exemplo; os *takes* que mostram os personagens de perto para aumentar a carga emocional da informação; a complementação e o perfeito casamento de texto e imagem; as passagens nos locais que remetem ao fato noticiado; as imagens dos acontecimentos na hora em que eles aconteceram ou ao vivo; e o uso pelos apresentadores de termos como

“daqui a pouco você vai ver” reforçam os efeitos de realidade e a idéia de que o telespectador está vendo o mundo tal como ele é pela tela da TV.

Ao se apresentarem como espelhos da realidade, no entanto, os noticiários televisivos causam no público a impressão de que estão diante de um retrato fiel da verdade e os mais desavisados ignoram que as matérias são resultados de um processo de seleções e eliminações, carregado de subjetividade. No entanto, o discurso da imparcialidade serve mais para reforçar o prestígio dos telejornais, considerando apenas sua função objetiva de narrar a realidade, do que para influenciar opiniões a serviço de interesses econômicos das empresas de comunicação e dos anunciantes. Não que essa prática não exista no processo de comunicação, mas a formatação dos telejornais dentro das características do produto que eles dizem ser serve mais para manter um status inerente à lógica mercadológica que atinge também o jornalismo: a credibilidade garante audiência, e a audiência garante anunciante.

Outras características dos telejornais são importantes para a compreensão do gênero. Os telejornais dão existência aos fatos que noticiam. Ao aparecer na tela, os acontecimentos passam a fazer parte do conhecimento coletivo e entram nas agendas de discussões e preocupações individuais e coletivas, como já abordamos na teoria do agendamento. De acordo com Martín-Barbero e Rey,

a visibilidade que mídias como a televisão oferecem é quase sempre paradoxal: não responde a um ideal de total transparência, mas é o resultado mais ou menos ambíguo da intersecção entre a informação e a desinformação, verdade e artifício, montagens ritualizadas e espontaneidade. (2001, p.100)

Isso acontece porque, mesmo sendo resultado de um processo de produção que se desenrola ao longo do dia, os telejornais são apresentados ao vivo e sua matéria-prima é o fato real. Eles são uma reunião de enunciados, mas enunciados sobre a realidade, entrevistam personagens reais, tratam de assuntos da atualidade. Por mais que a edição reduza os relatos conflitantes, a grande quantidade de informações conseguidas durante a apuração, as interpretações, as matérias de aproximadamente dois minutos, o depoimento de um entrevistado que expõe um determinado comportamento e uma emoção do momento do relato, garantem a transmissão de informações jornalísticas e de conhecimentos, ainda que direcionados em determinados modos de ver e perceber os acontecimentos e a realidade.

Os noticiários buscam manter um distanciamento do fato e os repórteres devem atuar apenas como testemunhas que nos contam as notícias, mas o caos da realidade às vezes ultrapassa as barreiras do mundo ordenado dos telejornais e se manifesta na tela. Podemos perceber isso numa simples falha técnica, como uma pane no teleprompter do estúdio de onde os âncoras apresentam o noticiário. Sem a “cola”, o profissional é obrigado a lembrar o texto e a improvisar. Os telespectadores percebem essas situações e se sentem mais próximos dos apresentadores, que nesses momentos se tornam tão humanos quanto eles. Nas coberturas jornalísticas que envolvem risco, os repórteres se transformam em personagens quando aproveitam a emoção para transmitir informações, envolvendo ainda mais a audiência, uma vez que a sua humanidade “salta” diante da câmera.

Quando o jornalista é impedido de reportar os fatos, seja pelas condições árduas de uma cobertura, seja pela censura, essa mesma dificuldade vira pauta e chega ao conhecimento do público. Desse modo, o telejornal assume sua incapacidade de estar em todos os lugares, mas, ao mesmo tempo, inclui nessas estratégias discursivas a mensagem de que os telespectadores estão sendo impedidos de tomar conhecimento dos fatos porque alguém, um governo, ou uma instituição está impedindo o fluxo de informações, valorizando o telejornal como espaço de denúncia e cumplicidade com a população.

Os discursos dos telejornais reforçam consensos e valores sociais. Mas os telespectadores que recebem as mensagens não atuam de forma passiva. O campo da recepção também atribui sentidos às notícias no processo de interação com as mensagens veiculadas (Becker, 2005, p.25). Ou seja, a produção dos discursos se dá em duas esferas: a dos emissores que inserem opiniões, valores e preferências, e a dos receptores que interpretam as mensagens. Os sentidos finais das notícias são negociados.

Consideramos o telejornalismo um gênero, com linguagem, estrutura e elementos discursivos próprios. A compreensão de que o telejornal é um conjunto de enunciações que mediam as experiências dos cidadãos com a realidade, produz sentidos sobre a mesma e colaboram para a formação da visão de mundo dos indivíduos ajuda-nos a pensar melhor a importância do noticiário televisivo brasileiro sobre a América Latina. É importante estar atento à construção e reprodução de estereótipos e preconceitos, à fragmentação, e à falta de contextualização das matérias, o que prejudica o entendimento da audiência sobre o continente. É o que abordaremos no próximo capítulo. Mas antes consideramos importante

fazer uma breve exposição sobre as principais reflexões críticas realizadas hoje no campo do telejornalismo.

4.2. Pesquisando Telejornalismo

Sem dúvida, os telejornais ocupam um papel central na nossa sociedade e já existe uma bibliografia de referência sobre o tema. Os discursos produzidos pelos telejornais realmente influenciam as decisões individuais e coletivas no Brasil e no mundo. No entanto, as reflexões sobre os noticiários devem se despir de preconceitos para que o telespectador comum, e os estudantes de graduação e pós-graduação tenham acesso a análises complexas sobre toda a lógica de elaboração, transmissão e produção de sentidos dos telejornais e das representações da vida cotidiana constituídas como experiências da realidade social. Afinal, manipuladores ou não, eles invadem nossas casas todos os dias, mediando nossas percepções e influenciando diretamente nossas posições políticas, nossos hábitos de consumo e nossa relação com a sociedade.

Conscientes dessa necessidade, alguns teóricos têm se dedicado a pensar os telejornais como um lugar de construções simbólicas sobre a realidade. Nesse grupo, merece destaque a Rede de Pesquisa em Telejornalismo, vinculada à Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), que reúne 12 pesquisadores do Brasil e de Portugal. Todos os integrantes têm experiência nas redações de televisão, o que garante intimidade com as práticas analisadas.

Os congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) também assumem um papel importante nesse contexto, pois reúnem estudiosos de todas as áreas da comunicação, inclusive telejornalismo, o que proporciona a troca de experiências. A análise dos temas dos trabalhos apresentados no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação revela preocupações com a implantação da TV Digital e com o impacto das novas tecnologias sobre o modo de informar pela televisão e sobre a participação do telespectador nesse processo. É grande

também o número de reflexões sobre o papel dos telejornais regionais e nacionais na produção de conceitos e preconceitos sociais.

A Rede de Pesquisas em Telejornalismo surgiu em 2005 e, desde então, publicou dois livros: *Telejornalismo: a nova praça pública* (2006) e *Sociedade do Telejornalismo* (2008). A diversidade de enfoques nas duas obras é grande. Nesta etapa do trabalho, traçamos um panorama das pesquisas, destacando as que mais colaboram para a elaboração do presente trabalho.

Os estudos refletem criticamente sobre os processos de produção dos telejornais; os atores que deles participam e o papel desempenhado por cada um, com destaque para a mitificação da figura dos apresentadores; a relação entre mídia e poder nos noticiários televisivos; o lugar de referência para o público; a regionalização da produção; a representação de identidades nacionais; os efeitos de presença provocados pela relação estúdio-rua, que dão a sensação de continuidade espacial; a presunção da audiência; a influência das rotinas de produção na escolha dos fatos que formarão a pauta dos noticiários; a incompatibilidade entre a velocidade de produção da TV e o tempo devido para uma percepção crítica dos acontecimentos; e, finalmente, a dramaticidade presente nos discursos dos telejornais. Como construímos uma análise sobre as representações que os telejornais de rede fazem da América Latina, pontuamos três pesquisas que colaboram de modo especial para a elaboração do trabalho: as de Vizeu (2006); Vizeu e Correia (2008); e Moretzsohn (2006).

Em estudo elaborado em 2006, Vizeu afirma que as rotinas de produção dos jornalistas e a idéia que eles fazem da audiência influenciam na produção do noticiário. O trabalho do pesquisador nos permite concluir que, ao construírem antecipadamente a imagem da audiência, os jornalistas restringem o universo de pautas que eles apostam que rendam boas matérias. Aplicando a hipótese às editorias de internacional, vemos como essa prática reforça nos telespectadores conceitos, como a importância dos países ricos em detrimento dos pobres, e elimina a diversidade global do campo de conhecimento do público.

Segundo Vizeu e Correia (2008), os telejornais são lugares de referência para o público, que vive no caos da realidade cotidiana. A experiência de ver o mundo organizado pela narrativa do noticiário televisivo, harmônico e ordenado, transmite ao telespectador a

certeza de que a vida segue seu fluxo normal, apesar dos problemas do dia-a-dia. A segurança e o conhecimento sobre a cidade e o país adquiridos pela audiência podem ser aplicados à forma como ela experimenta o mundo, tomado por guerras, conflitos ideológicos e crises financeiras, por meio dos discursos dos telejornais.

Por fim, lançando mão do trabalho de Moretzsohn (2006), que faz uma crítica aos telejornais por não permitirem a reflexão sobre os conteúdos veiculados por causa de sua velocidade de produção e transmissão, consideramos que a falta de contextualização prejudica a qualidade do fluxo de informações e impede a formação de pensamentos mais consistentes, o que demanda tempo. A contextualização é essencial para o jornalismo, inclusive o internacional, onde as consequências dos acontecimentos se dão na macro esfera.

No próximo capítulo, realizamos a análise comparativa das matérias veiculadas no Jornal Nacional e no Jornal da Record sobre a América Latina, a fim de investigar a produção de sentidos por meio das narrativas desses noticiários.

5. Análise Comparativa

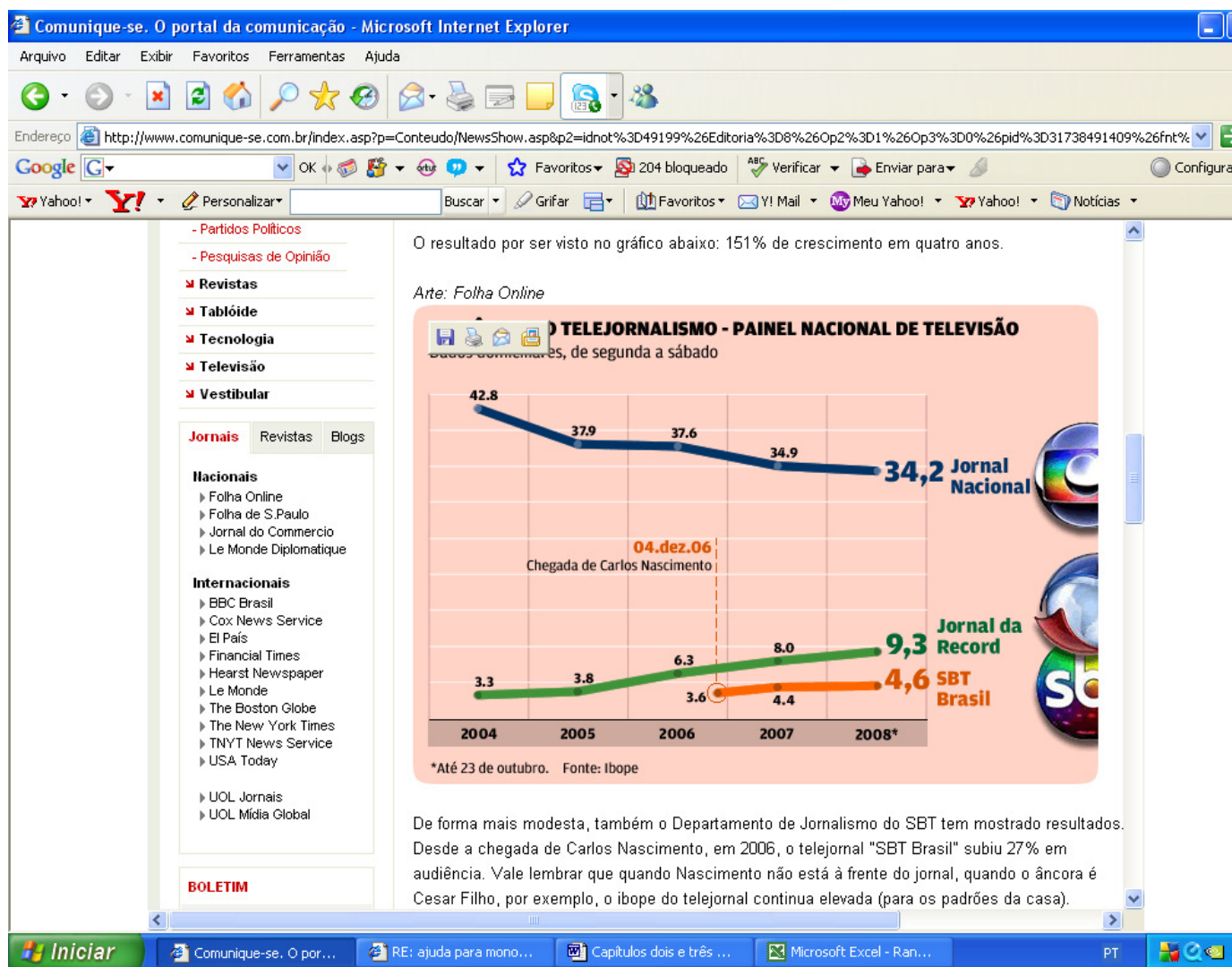
Escolhemos estudar o Jornal Nacional e o Jornal da Record porque os dois telejornais são líderes em audiência no horário nobre. A preferência pelo horário se deu em função do perfil do público: é neste momento que as famílias estão reunidas em casa, o que faz com que os programas sejam preparados para brasileiros de todas as idades e grupos sociais.

O JN mantém, há anos, a liderança do horário e é um dos programas mais vistos da televisão brasileira. A inserção no *break* do programa era a mais cara da TV aberta no país no primeiro semestre de 2008, segundo a agência de publicidade McCann Erickson¹. Já o *break* do Jornal da Record era o quinto mais caro da TV brasileira e o segundo no ranking dos telejornais de horário nobre. Considerando que as empresas pagam mais caro pelos espaços que lhes dão maior visibilidade, concluímos que estes telejornais mantêm a maior audiência em seu segmento.

Além disso, segundo o jornalista Ricardo Feltrin, colunista do portal UOL², a audiência da Rede Record cresceu 151% em quatro anos (2004-2008) estimulada pelos investimentos em telejornalismo e teledramaturgia. O gráfico abaixo mostra o nível de audiência, medido pelo Ibope, do Jornal Nacional, do Jornal da Record e do SBT Brasil, que não participa deste estudo:

¹ De acordo com dados da agência de publicidade McCann Erickson, o *break* do JN valia R\$ 39.100,00 e o do JR valia R\$ 201.812,00 no período mencionado.

² Informações publicadas na coluna Ooops! (<http://www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/NewsShow.asp&p2=idnot%3D49199%26Editoria%3D8%26Op2%3D1%26Op3%3D0%26pid%3D31738491409%26fnt%3Dfntnl>) em 27/10/2008 e acessada em 01/11/2008.



A tabela mostra uma queda de 20% na audiência do JN, que foi explicada pela Rede Globo. A emissora afirma que o ano de 2004, quando a série começou, foi o melhor em uma década em termos de audiência. Apesar da diminuição do número de telespectadores, percebemos que o JN continua liderando o horário e que o JR tem aumentado sua audiência a cada ano, em segundo lugar na preferência do público.

Os números da audiência revelam o lugar estratégico ocupado por esses noticiários em nossa sociedade. É através deles que a maioria dos brasileiros toma conhecimento sobre os fatos sociais que ocorrem no mundo. Os telejornais também são instrumentos da experiência coletiva e cotidiana que os cidadãos têm com o real, construindo seu repertório de conhecimento. A opção pela TV para estudar a cobertura da América Latina se justifica

pelo papel que o Jornal Nacional e Jornal da Record desempenham, principalmente, na cobertura internacional, na qual os acontecimentos estão fisicamente distantes do público brasileiro, não interferindo imediatamente na experiência da realidade social local e global da população. A forma como as informações sobre o que acontece fora do país são tratadas pela imprensa é determinante para a visão de mundo partilhada pelos brasileiros.

5.1. Análise Quantitativa

Para que fosse possível realizar um estudo sobre a forma como a América Latina é representada pelos dois noticiários de maior audiência do horário nobre da TV aberta brasileira, o Jornal Nacional e o Jornal da Record, foi necessário fazer um recorte temporal. Foram escolhidas as edições entre os dias 7 e 19 de julho de 2008, quando a liderança dos noticiários foi confirmada pelos dados do Ibope. O JN atingiu uma média de 33% de inserção domiciliar na região do Grande Rio de Janeiro e de 32% na Grande São Paulo, as maiores cidades do país. Na mesma época, o Jornal da Record registrou média de audiência domiciliar de 13% no Grande Rio e de 14% na Grande São Paulo. A seleção destas duas semanas de julho se justifica também pela ausência de uma cobertura pré-agendada, como eleições e Olimpíadas.

Observou-se nesse período a cobertura de um fato de grande repercussão: a Operação Satiagraha que prendeu um grupo ligado a Daniel Dantas e o próprio banqueiro no dia 8 de julho. A repercussão da ação da Polícia Federal e a polêmica gerada por ela no Judiciário estiveram nos noticiários por mais de uma semana, mas não prejudicaram a cobertura de outros temas, sendo eles numericamente bem representados, como veremos mais adiante. Vale dizer que, até o mês de novembro de 2008, a Operação Satiagraha ainda aparecia nas pautas dos principais veículos de comunicação do país.

As edições selecionadas geraram uma média de dez horas de conteúdo noticioso. Foi adotada a metodologia de análise comparativa quantitativa e qualitativa proposta por Becker (2005) formada por dez categorias de análise e 11 princípios de enunciação. Primeiramente, foi elaborado um quadro de produção, onde é possível descrever os perfis

do Jornal Nacional e do Jornal da Record, compreender suas características narrativas e ver o modo como produzem sentidos nas representações dos fatos sociais referentes à América Latina.

Quadro 1: Quadro de Produção

	Jornal Nacional	Jornal da Record
1- Estrutura	Média de 33 minutos de conteúdo informativo. A escalada inicial tem cerca de 40 segundos de duração. Tanto na escalada, quanto nos blocos, os apresentadores se intercalam para “chamar” as matérias.	Média de 30 minutos de conteúdo informativo. A escalada inicial tem cerca de 1 minuto. Tanto na escalada, quanto nos blocos, os apresentadores dividem a apresentação de uma mesma matéria.
2- Blocos	Cinco blocos com uma média de seis minutos cada. Cada bloco é dominado por uma editoria. A distribuição se dá pela importância dos fatos do dia. O jornal pode começar com um bloco que tenha mais matérias de economia em um dia e, no outro, ser aberto por uma matéria de saúde.	Três blocos com uma média de dez minutos cada. As matérias contidas em cada bloco são mais variadas, mas elas são organizadas por proximidade de tema. Por exemplo, notícias de economia costumam ser seguidas pelas internacionais. As de polícia costumam ficar próximas das de sociedade/ saúde.
3- Ritmo	Ritmo rápido. As chamadas das matérias são ágeis e feitas por apenas um âncora. Dificilmente elas duram mais de 20 segundos. Os âncoras intercalam as notícias que vão ler.	Ritmo também rápido, mas o papel dos apresentadores é mais valorizado. Eles dividem a chamada de uma mesma matéria e, com isso, têm maior participação no tempo do telejornal.
4- Apresentadores	O casal William Bonner e Fátima Bernardes edita e apresenta o JN. O fato de serem casados contribui para a construção do mito da credibilidade. Ao	A experiência de Celso Freitas no telejornalismo colabora para a credibilidade do noticiário. Adriana Araújo e ele buscam uma

	assistirmos Bonner e Fátima na bancada do telejornal, se revezando na apresentação das notícias, temos a sensação de que há uma perfeita sintonia entre os dois. No entanto, em função do discurso da objetividade, adotam a postura de meros transmissores da informação, assumindo um distanciamento dos telespectadores.	aproximação maior com os telespectadores a partir das narrativas que usam nas chamadas, se permitindo, às vezes, dialogar no ar.
5- Repórteres	Na maioria das vezes estão presentes nas matérias e, aderindo ao discurso de objetividade que predomina no telejornal tentam camuflar a carga subjetiva das matérias, usando textos simples e diretos.	Na maioria das vezes estão presentes nas matérias, e tentam aproximar as notícias dos telespectadores com matérias sobre dramas humanos e textos mais leves e fáceis de ser compreendidos.
6- Matérias	208 veiculadas nos dez dias desta investigação. Média de 21 matérias por edição: quatro notas cobertas; cinco notas peladas; e 12 VTs, com cerca de dois minutos cada.	234 veiculadas nos dez dias desta investigação. Média de 23 matérias por edição: seis notas cobertas; duas notas peladas; e 15 VTs, com cerca de um minuto e meio de duração.
7- Entrevistas e Depoimentos	As vozes predominantes são de especialistas e autoridades. Quando o cidadão comum aparece, geralmente é para exemplificar uma situação ou confirmar o que está sendo dito.	Como o jornal apresenta muitas matérias que mostram o drama humano, a presença do cidadão comum é maior, sem que os especialistas e as autoridades sejam excluídos. No entanto, as reportagens sobre os dramas humanos não representam uma valorização maior da diversidade, mas uma tentativa de cativar o público por meio de

		histórias comoventes e curiosas.
8- Editorias (do dia 1/7/2008 a 19/7/2008)	Sociedade/ saúde (23%); Economia (14%); Esporte (13%); Polícia/ Justiça (35%); Política (2%); Internacional (13%).	Sociedade/ saúde (32%); Economia (7%); Esportes (2%); Polícia/ Justiça (33%); Política (4%); Internacional (22%).
9- Credibilidade	Grande credibilidade, em função do tempo de veiculação, do culto pela objetividade, mas principalmente, pelo padrão Globo de jornalismo, que ainda hoje predomina na televisão brasileira.	A presença de Celso Freitas na bancada do JR contribui muito para a credibilidade do noticiário. Além disso, nos últimos anos a emissora tem investido no seu jornalismo e atraído muitos ex-profissionais da Rede Globo. A presença dessas pessoas e a divulgação do crescimento de sua audiência são grandes responsáveis pela credibilidade construída pelo JR.
10- Recursos Gráficos e Cenários	A predominância da cor azul no cenário e nas vinhetas reforça a sensação de objetividade. As próprias roupas de apresentadores e repórteres são pensadas para garantir que nada desvie a atenção do público. A redação ao fundo do cenário transmite a sensação de que os profissionais trabalham o tempo todo para trazer a informação até o telespectador. Os gráficos e as imagens de simulações são produzidos para acrescentar informação e não apenas para “enfeitar” o noticiário. Estilo <i>clean</i> .	O JR também tenta passar credibilidade por meio de seus cenários e elementos gráficos. Da mesma forma, o azul predomina no cenário e nas vinhetas. A produção dos elementos gráficos funciona de forma à do JN.

Para possibilitar a análise do espaço dedicado às matérias de internacional, classificamos as matérias em seis editorias: Sociedade/ Saúde (inclui matérias de cidade); Economia; Esporte; Polícia/ Justiça; Política; e Internacional.

Em termos gerais, a principal diferença entre o Jornal Nacional e o Jornal da Record é o tom mais coloquial do JR. Apesar de também tentar demonstrar objetividade pelos elementos gráficos e os textos na ordem direta, repórteres e apresentadores se permitem promover uma aproximação com o telespectador. Os âncoras às vezes simulam uma conversa com a audiência. Textos mais leves e simples predominam no noticiário. Outro fato que reforça nossa percepção é que 65% das matérias veiculadas durante a realização deste estudo eram das editorias Sociedade/ Saúde e Polícia/ Justiça, temas que atingem diretamente a vida dos telespectadores. É muito forte a presença dos dramas humanos, em geral com relação à violência, o que dá um ar mais popular ao Jornal da Record. Quando seu concorrente faz matérias sobre dramas humanos, o foco é voltado para o problema em si e os discursos de autoridades e especialistas predominam entre as vozes presentes na reportagem. O cidadão comum é visto apenas como alguém que personifica o problema e dificilmente é o elemento central da matéria.

O Jornal da Record apresenta com frequência séries de reportagens especiais. Durante o período de análise, foram três: sobre pedofilia, sobre a África e ainda sobre a importância da boa aparência no mundo de hoje. Já o Jornal Nacional, apesar de também apresentar séries de reportagens especiais não o faz com tanta frequência. Durante o período de estudo, nenhuma foi veiculada. O diferencial deste noticiário é a produção de matérias especiais, geralmente com furos de reportagem, sobre o assunto que está sendo pautado por todas as mídias. Foi o caso, por exemplo, da entrevista exclusiva com a ex-refém das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farcs) Ingrid Betancourt, que o JN apresentou em 8/7/2008, seis dias após ela ser resgatada.

O ritmo é outro aspecto que diferencia os dois noticiários em questão. Com cinco blocos, o Jornal Nacional tem um ritmo acelerado, o que consegue manter a audiência atenta. Apesar de o tempo médio de seus VTs ser de dois minutos, o JN atrai mais a atenção da audiência do que o Jornal da Record, cujos VTs costumam durar cerca de 1m30s. Isso acontece porque o JR é dividido em apenas três blocos, o que prejudica o timing do noticiário.

Quanto às editorias, chama atenção a diferença numérica da cobertura de esportes feita pelo Jornal Nacional e o Jornal da Record. Durante duas semanas, apenas 2% das matérias veiculadas pelo JR tratavam de esportes, enquanto que 13% das matérias do JN pertenciam a esta editoria. Além dos acontecimentos relacionados aos preparativos para as Olimpíadas de Pequim, o telejornal da Rede Globo noticiou os principais jogos do Campeonato Brasileiro (futebol), as novidades do mundial de Fórmula 1 e as partidas da Liga de Vôlei, eventos transmitidos pela emissora. Já as matérias de esportes feitas pelo JR durante esta investigação deram conta da contratação de Ronaldinho Gaúcho pelo clube italiano Milan e dos preparativos para as Olimpíadas.

O Jornal Nacional também dá mais ênfase à cobertura de economia (14% contra 7% do concorrente), enquanto que o JR dedica bastante espaço aos assuntos de sociedade/saúde (32% contra 23%). Os dois telejornais apresentaram uma cobertura de política muito pequena (2% - JN; 3% - JR) por causa da época do ano: o Congresso Nacional estava com ritmo desacelerado em função da proximidade do recesso parlamentar.

Ponto em comum entre o Jornal Nacional e o Jornal da Record é a editoria com maior número de matérias em ambos os noticiários: Polícia/ Justiça (31% - JN; 33% - JR). Vale ressaltar que esta predominância não se deve apenas à Operação Satiagraha, mas a outras coberturas de violência urbana, como o caso do menino João Roberto, que foi morto após ter o carro em que estava com a mãe metralhado por policiais no Rio de Janeiro; o caso da engenheira que desapareceu após seu carro cair em um canal na Barra da Tijuca, no Rio; o caso da jovem morta por policiais em Santa Catarina; dos rapazes entregues por militares a traficantes de uma facção rival à do morro em que eles moravam no Rio; entre outras coberturas.

Na editoria de internacional, há uma diferença de nove pontos percentuais entre o Jornal Nacional (13%) e o Jornal da Record (22%). Isso acontece, principalmente, porque a maior parte das notícias de inter veiculadas pelo noticiário da Rede Record são notas cobertas, enquanto que o Jornal Nacional usa prioritariamente VTs para este tipo de notícia. Além disso, o JN costuma noticiar fatos políticos de outros países. Já o JR dá bastante espaço aos *fait divers*, como o caso do árbitro de futebol que saiu de campo bêbado na República de Belarus (antiga Bielorrússia). Isso não significa que o telejornal da TV Globo faça uma cobertura mais séria dos assuntos internacionais. Nas duas semanas em que esta

pesquisa foi realizada, o Jornal da Record apresentou boas matérias sobre campos de refugiados na África e sobre o conflito entre Israel e Palestina. Observe os gráficos 1 e 2 a seguir que mostram a distribuição de matérias por editorias no Jornal Nacional e no Jornal da Record.

Gráfico 1

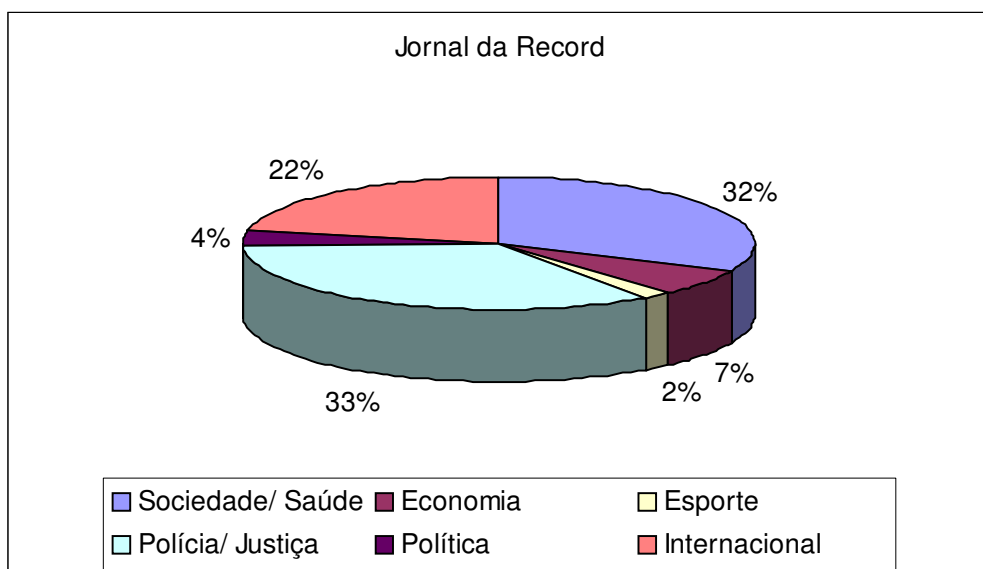
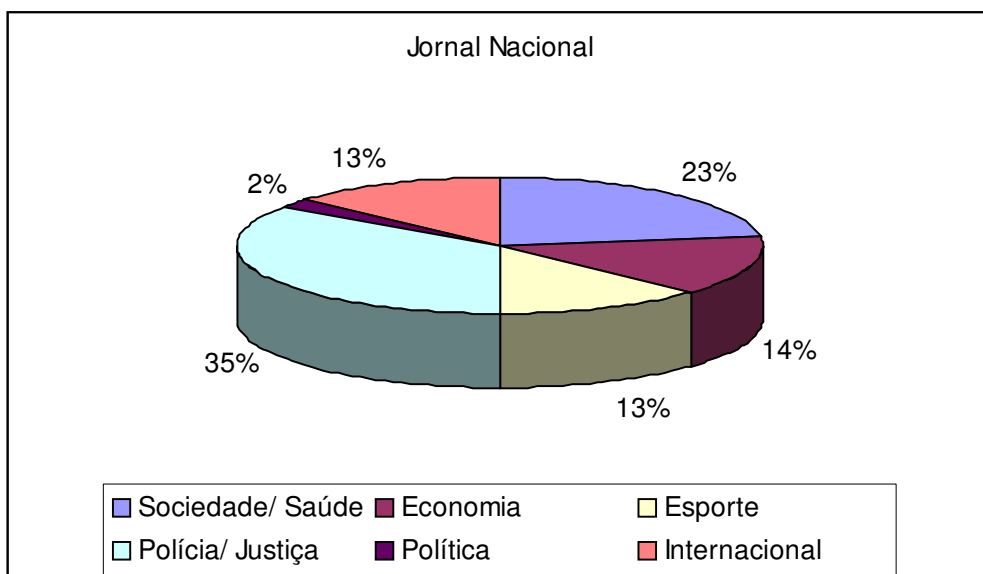


Gráfico 2



Para dar continuidade a esta investigação, é importante observar a distribuição das matérias internacionais pelas regiões do mundo. Para facilitar essa análise, realizamos uma divisão baseada em critérios geopolíticos e tentamos mostrar a atenção que as áreas do globo recebem do Jornal Nacional e do Jornal da Record. O gráfico comparativo (gráfico3) mostra a diferença da cobertura internacional realizada pelo JN e pelo JR durante o período de produção desta monografia. Já nos gráficos 4 e 5, é possível observar separadamente a cobertura internacional feita por cada um dos noticiários.

Para organizar as regiões do mundo e alcançar os objetivos deste trabalho, separamos os Estados Unidos e o México da América do Norte, que representará Canadá, Bermudas, Groelândia e São Pedro e Miquelão. Os Estados Unidos foram retirados do grupo por considerarmos fundamental mostrar a quantidade de matérias produzidas sobre este único país, em função de sua importância política e econômica no mundo e para o Brasil. Já o México integrará a América Latina. Os países do Oriente Médio foram separados da Ásia porque eles têm características sociais e políticas específicas, o que justifica sua inclusão num grupo à parte. Para analisar a distribuição da cobertura internacional do JN e do JR pelas regiões do mundo foram consideradas também as matérias de economia. Grande quantidade das reportagens sobre os Estados Unidos era de economia e a distribuição da cobertura por região excluindo essa editoria geraria uma compreensão errada.

Gráfico 3

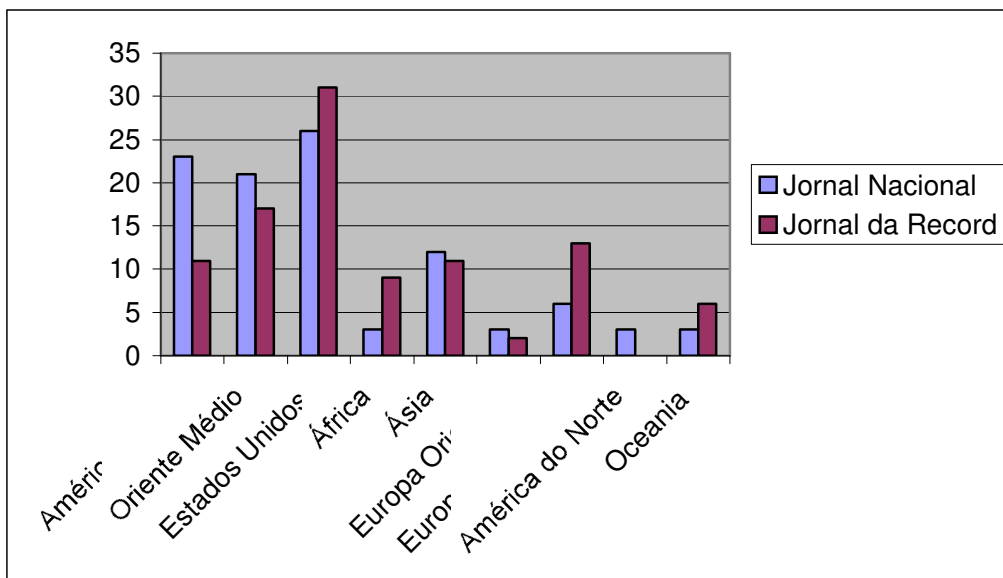


Gráfico 4

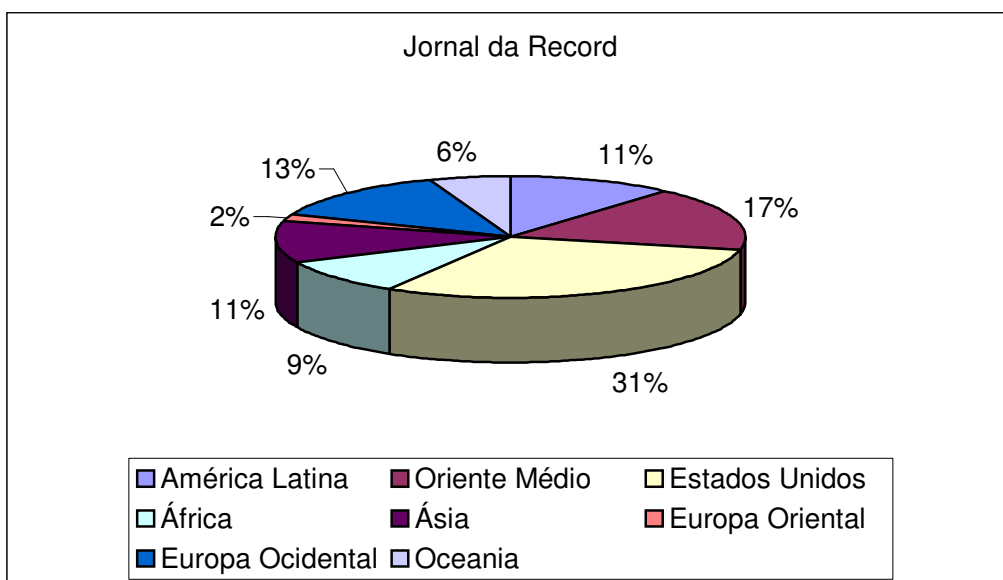
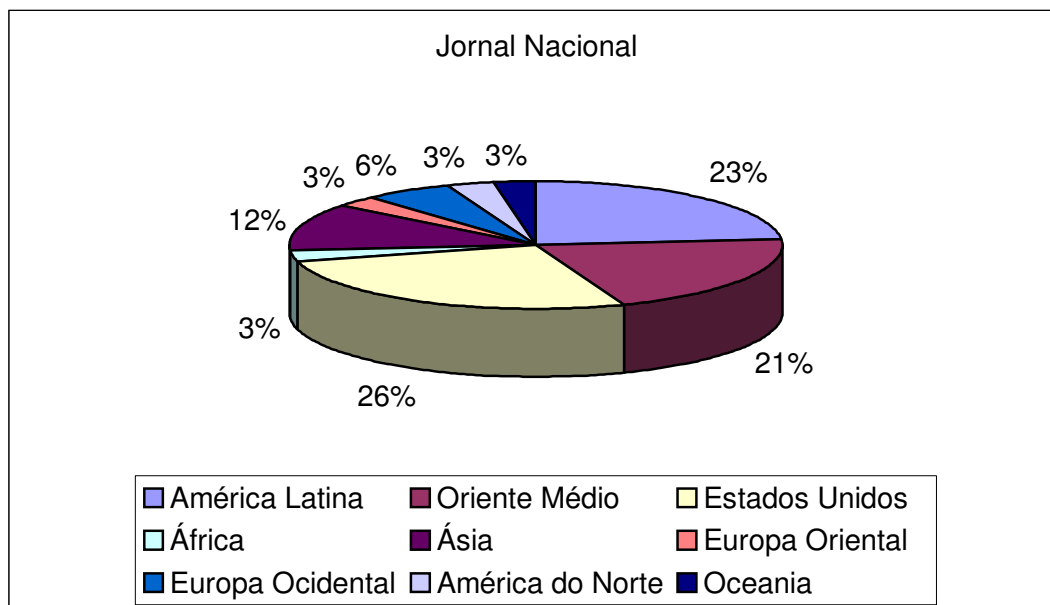


Gráfico 5



As coberturas internacionais realizadas pelo JN e pelo JR são bastante diferentes. O ranking das cinco regiões do mundo que mais aparecem nesses noticiários evidencia isso:

Jornal Nacional	Jornal da Record
1- Estados Unidos	1- Estados Unidos
2- América Latina	2- Oriente Médio
3- Oriente Médio	3- Europa Ocidental
4- Ásia	4- América Latina/ Ásia
5- Europa Ocidental	5- África

A cobertura internacional realizada pelos dois telejornais é bastante diferente. A ordem das regiões que mais recebem atenção revela a diversidade do mundo construído pelo Jornal Nacional e pelo Jornal da Record. A análise quantitativa da cobertura nos remete à Teoria do Agenda *Setting*, já abordada. A aparição de mais notícias sobre os Estados Unidos nos dois noticiários reforça a posição de hierarquia do país, colaborando para a construção estratégica, nas notícias, do mito da potência compartilhado pelo público, promovendo a identificação dos brasileiros com a sociedade e a cultura norte-americanas. No Jornal Nacional, grande parte das notícias era de economia. Se não contássemos as matérias sobre a economia norte-americana, as notícias sobre os fatos sociais ocorridos no país representariam apenas 11% das matérias internacionais veiculadas no JN durante o

período de realização da análise, o que mostra a valorização do papel de potência econômica exercido pelo país hoje. Já no Jornal da Record, a maior parte das matérias sobre os norte-americanos tratava de política, dos incêndios na Califórnia e *fait divers*.

A montagem da pauta também foi influenciada pelas condições de produção das matérias, como afirma a Teoria do *Newsmaking*. O Jornal da Record não mantém correspondentes na América Latina e, por isso, o VT sobre a possibilidade de Álvaro Uribe ter cometido crime de guerra no resgate de Ingrid Betancourt foi feita de Nova York pelo correspondente Celso Zucatelli, sem que tenha havido prejuízo da qualidade da matéria. Da mesma forma, a votação no Senado argentino da lei que aumentaria impostos para os exportadores de grãos mereceu uma suíte do telejornal da Rede Record porque eles enviaram uma repórter especial, o que tem um custo elevado e deve ser bem aproveitado, com a produção de muitas matérias. A manutenção de mais ou menos correspondentes em determinado lugar também influencia a quantidade de matérias, ainda que sejam *fait divers*, pela facilidade do acesso às informações.

O agendamento privilegiado das questões do Oriente Médio realizado pelo Jornal da Record gera uma maior preocupação com os conflitos daquela região. Sem adotar um discurso regionalista e longe de defender uma cobertura menor sobre o Oriente Médio, é importante lembrar que os conflitos sociais nos países da América Latina se parecem mais com os problemas enfrentados pelos brasileiros e uma boa cobertura sobre estes acontecimentos poderia, inclusive, colaborar para uma reflexão crítica sobre o “exemplo” dos vizinhos, a fim de encontrar a melhor saída para as questões internas. Por outro lado, a importância da cobertura sobre o Oriente Médio é fundamental, principalmente porque as maiores reservas de petróleo estão naquela região.

O Jornal Nacional, por sua vez, teve uma cobertura sobre a América Latina numericamente melhor. No entanto, mais importante que a quantidade é a qualidade das narrativas, além do tipo de pauta que é trabalhado sobre os países do continente. Como veremos mais adiante, a falta de contextualização é um problema flagrante nas matérias, assim como o reforço de alguns estereótipos.

A cobertura internacional da América Latina pelo Jornal Nacional reflete uma atenção especial dada à relação política de Lula com os líderes socialistas do continente, como é o caso da matéria sobre o apoio do governante brasileiro ao boliviano Evo Morales

às vésperas do referendo que determinou a permanência do indígena no cargo. Na nota coberta, a opinião de Lula sobre o futuro político do vizinho é mais importante que a assinatura de um convênio para a construção de uma ferrovia ligando Porto Velho a La Paz, um fato concreto que pode ajudar a incrementar as relações econômicas entre os dois países. Exemplo da aplicação do valor-notícia da proximidade, geográfica e política, para pautar a preocupação da opinião pública, é a notícia de que o governo equatoriano interditou duas TVs privadas. A opção por esta pauta mostra a posição reacionária das Organizações Globo contra qualquer tentativa que pareça controle da imprensa, seja no Brasil ou no exterior, principalmente na América Latina, onde o presidente poderia se inspirar já que se relaciona muito bem com os líderes esquerdistas da região. Esta preocupação é que pautou em 2007 a cobertura tendenciosa feita pela maior parte da imprensa brasileira do fechamento da emissora privada RCTV pelo presidente Venezuelano Hugo Chávez.

Não é o objetivo deste trabalho analisar a atitude da imprensa na ocasião, mas é importante lembrar que informações fundamentais para a compreensão do acontecimento em sua complexidade foram totalmente ou parcialmente omitidas, como a fato de que a concessão da emissora tinha vencido e o líder venezuelano, dentro dos poderes que a legislação lhe dá, decidiu não renová-la. Apesar de aparentar ter usado a atribuição do cargo de presidente para prejudicar quem o criticava, o que é uma segunda discussão que não será realizada neste espaço, Chávez agiu legalmente e não pode ser considerado um golpista, como foi tratado. O papel da imprensa é informar os cidadãos para dar a eles condições de formar suas opiniões. A objetividade é impossível de ser alcançada no jornalismo, mas é importante que o compromisso com a pluralidade de interpretações sobre um fato social seja mantido, para evitar a manipulação da opinião pública a favor de interesses próprios, ainda que em última instância.

Pautas produzidas a partir da agenda externa do presidente da República também podem resultar em boas matérias do ponto de vista da qualidade da informação. Por exemplo, a correspondente do Jornal da Record em Tóquio, Catarina Hong, cobriu a visita de Lula a países da Ásia e não se deteve aos discursos dele. Na Indonésia, aproveitou para falar sobre o crescimento econômico do local e do interesse do Brasil em aumentar as relações econômicas com o país.

A África aparece bem posicionada na cobertura do Jornal da Record por causa da viagem que o repórter Roberto Cabrini fez ao continente para uma série de reportagens especiais chamada de Campo de Refugiados. Os 13% dedicados pelo noticiário à Europa Ocidental se devem basicamente à predominância de notas cobertas no tratamento das notícias internacionais. Essas notas curtas permitem que sejam oferecidas muitas “pílulas” de informação ao público, mas, no caso do Jornal da Record, a maioria delas é sobre fatos curiosos.

Além dos assuntos relacionados à China e ao Japão, a Ásia ganha destaque pela viagem que o presidente Lula fez aos países do continente após a reunião do G8 (grupo dos sete países mais ricos do mundo, além da Rússia) e a assinatura de parcerias comerciais entre o Brasil e a Indonésia, por exemplo. Já o Oriente Médio recebeu bastante espaço pelos telejornais em função dos problemas entre Israel e Irã, e das negociações entre Israel e o Hezbollah para trocar corpos de israelenses por prisioneiros libaneses.

No Gráfico 3, a indicação de que apenas o Jornal Nacional veiculou matérias sobre a América do Norte se deve a uma única informação de que o governo canadense não pediria a extradição de um jovem preso em Guantánamo, o que não foi noticiado pelo Jornal da Record.

O Jornal Nacional produziu oito matérias (dois VTs, quatro notas cobertas, uma nota pelada e uma entrevista) contra seis do Jornal da Record (três VTs e três notas cobertas). Nesse universo, apenas duas matérias surgiram da mesma pauta. Há dois tipos de notícia nas quais as redações de ambos os telejornais parecem apostar: *hard news* (polícia, desastre natural) e política. Entre as *hard news*, os dois jornais não concordaram sobre o que era mais importante e noticiaram fatos diferentes. As matérias que o JN veiculou sobre América Latina entre os dias 07/07/08 e 19/07/08 foram:

- Dia 07 de julho: Nota coberta - Queda de um avião de carga na Colômbia, com três mortos.
- Dia 08 de julho: Entrevista - Ingrid Betancourt fala sobre o tempo em que foi mantida em cativeiro pelas Farc, os planos para o futuro e a forma como o Brasil pode ajudar no combate à guerrilha.
- Dia 08 de julho: Nota coberta - Fechamento de duas emissoras de TV privadas pelo governo do Equador.

- Dia 11 de julho: Nota coberta - Reencontro entre Hugo Chávez e Álvaro Uribe após crise política.
- Dia 17 de julho: VT - Governo argentino sofre derrota no senado sobre proposta que aumentaria impostos sobre exportação de grãos.
- Dia 18 de julho: Nota coberta – Na Bolívia, Lula defende Evo Morales a poucos dias da realização de referendo que decidiria sobre a permanência do presidente boliviano no cargo. Assinatura de acordo para construir estrada que ligará Porto Velho a La Paz.
- Dia 18 de julho: Nota do locutor - Raúl Castro adota medidas para incrementar agricultura em Cuba.
- Dia 19 de julho: VT - Na Colômbia, Lula diz que Brasil pode ajudar no combate às Farc e Uribe aceita proposta brasileira de criar Conselho Sul-Americano de Defesa. Assinatura de decreto para BNDES financiar construção de ferrovia colombiana.

No JR, as pautas de América Latina durante o período selecionado para esta análise foram:

- Dia 11 de julho: Nota coberta - Reencontro entre Hugo Chávez e Álvaro Uribe após crise política.
- Dia 16 de julho: VT - Uribe pode ter cometido crime de guerra no resgate de Ingrid Betancourt porque um dos militares que participaram da operação usou roupa com símbolo da Cruz Vermelha.
- Dia 17 de julho: Nota Coberta - Guarda costeira do México apreende submarino carregado de drogas e quatro colombianos são detidos.
- Dia 17 de julho: VT - Governo argentino sofre derrota no senado sobre proposta que aumentaria impostos sobre exportação de grãos.
- Dia 17 de julho: Nota Coberta - Enchentes matam três pessoas e deixam 30 mil desabrigados no México.
- Dia 18 de julho: VT - Após derrota no senado, governo argentino recua e revoga projeto que taxava exportação de grãos.

Se na cobertura geral dos telejornais existe cerca concentração das atenções em temas e países do mundo, na cobertura sobre a América Latina não é diferente. Entre os 19 países que fazem parte do continente, Colômbia, Venezuela, Argentina, Bolívia, Equador e Cuba apareceram nas dez edições do JN analisadas. Entre eles, a Colômbia é noticiada

quatro vezes. Isso se deve ao momento histórico e político vivido pela nação. Além do resgate de Ingrid Betancourt, a então crise recente com a Venezuela e com o Equador fizeram com que as atenções se voltassem mais para a Colômbia. Já no JR, Colômbia, Venezuela, México e Argentina foram os países que estiveram na pauta. As matérias sobre a Colômbia também tratavam da repercussão do resgate de Ingrid Betancourt e dos problemas com Chávez.

No próximo item, realizamos uma análise qualitativa das narrativas dos telejornais sobre a América Latina, a fim de identificar como são construídos os sentidos acerca dos acontecimentos referentes ao continente, e como a utilização da linguagem dos noticiários é determinante para a experiência da realidade social do Brasil e do mundo que mantemos com estes países através dos noticiários.

5.2 Análise qualitativa

Ainda há necessidade de realizarmos uma investigação mais profunda dos sentidos construídos sobre a América Latina pelo Jornal Nacional e o Jornal da Record no período de realização deste estudo. Por isso, iremos realizar agora a análise qualitativa, considerando três dos 11 princípios de enunciação sistematizados por Becker (2005). Escolhemos estes princípios porque acreditamos que eles se refletem na escolha temática, na escolha das pautas e nas narrativas das notícias e nos auxiliam na busca dos objetivos propostos neste trabalho. No final, iremos aplicar esses princípios na análise das únicas matérias que foram produzidas pelo Jornal Nacional e o Jornal da Record a partir da mesma pauta, entre as 14 matérias veiculadas sobre a América Latina no período de realização deste estudo. São eles:

- Fragmentação, responsável pela articulação do discurso rápido e fragmentado da televisão. O corte da narrativa, formando um mosaico de acontecimentos, diminui a complexidade do fenômeno social noticiado.

- Definição de identidades e valores, realizada pelas “vozes” que aparecem na narrativa do telejornal e nas estratégias enunciativas. O importante, neste princípio, é

observar quem é representado nos noticiários, se os depoimentos reforçam estereótipos e o espaço dedicado às classes/ grupos minoritários.

- Dramatização, constatada, principalmente, pela natureza ficcional dos noticiários. É usada como recurso para chamar a atenção do telespectador e permitir que a notícia seja relatada como numa história, com começo, meio e fim. Além disso, a organização da linguagem, a hierarquização das informações na matéria, os depoimentos, o material de arquivo e a individualização aproximam a linguagem do telejornal da linguagem ficcional.

A fragmentação das narrativas telejornalísticas ocorre principalmente por causa do tempo corrido da TV e leva à falta de contextualização. Outro fator que influencia na fragmentação é a construção do discurso baseada na crença de que o público possui um repertório prévio sobre o assunto em pauta, o que enfraquece o papel do jornalismo como produtor de conhecimento, conforme discutimos no capítulo 1.

Na maioria das vezes, quando se noticia acidentes, assaltos ou desastres naturais, as chamadas *hard news*, as principais informações sobre o acontecimento, são organizadas de forma objetiva, clara e concisa. É o caso das matérias sobre a queda de um avião de carga na Colômbia, veiculada pelo JN, e sobre os problemas causados pela chuva no México, apresentada pelo JR. Nos dois casos, os telejornais abriram as notas cobertas com a informação sobre a morte, demonstrando a importância desse valor-notícia para os noticiários. Em seguida, eles informam as consequências e as causas dos desastres. Desabrigados, alagamento de cidades e estado de emergência na região, para o JR; e origem e destino da aeronave, feridos, onde foi e motivo da queda, para o JN.

Quando a pauta é sobre assuntos econômicos e políticos, atentados terroristas, ou crises sociais, seria necessário trabalhar melhor as informações, levantando a memória do acontecimento, e abordando as causas e as consequências do fato noticiado sobre a vida das pessoas, baseada numa contextualização maior das narrativas e na pluralidade de interpretações. No entanto, essa preocupação não se reflete em algumas matérias produzidas pelo Jornal Nacional e o Jornal da Record durante o período em que esta investigação foi realizada. A nota coberta apresentada pelo JN no dia 8 de julho de 2008 sobre a intervenção do governo equatoriano em duas emissoras de TV privadas está correta do ponto de vista técnico do texto jornalístico. Mas exigiria uma abordagem mais diversa. Acompanhe a transcrição abaixo:

Fátima Bernardes

LocV: O governo do Equador anunciou nesta terça a intervenção em duas emissoras de televisão privadas por causa de dívidas que teriam com o Estado. Os canais foram retirados do ar. As estações de TV Gamavisión e TC Televisión pertencem a um grupo responsável pela falência de um banco dez anos atrás. Um jornalista da Gamavisión condenou a intervenção e afirmou que, numa democracia, a imprensa jamais pode ser controlada pelo poder público. Outras 193 empresas também estão sob intervenção. O governo está investigando se elas pertencem ao mesmo grupo relacionado à falência do banco. A intervenção levou o ministro da Economia, Fausto Ortiz, a pedir demissão. O presidente Rafael Correa negou que o fechamento das emissoras de propriedade de dois ex-banqueiros foragidos seja uma jogada para controlar a imprensa.

Seria importante estabelecer uma ligação entre a intervenção nos canais e nas outras 193 empresas e a punição dos responsáveis pela quebra do banco. A nota não informa que o governo equatoriano pediu a extradição dos ex-banqueiros e não diz qual a relação direta entre o pedido de demissão do ministro da Economia e o fato noticiado.

A utilização da imagem não deve reiterar o que o texto diz, mas acrescentar informações. No entanto, em algumas matérias a imagem é usada apenas para reforçar o texto do repórter. Em outros casos, a imagem não casa com o que está sendo dito. Isso acontece principalmente nas reportagens internacionais, em que é difícil conseguir vídeo dos acontecimentos e o material é comprado de veículos locais ou agências. A nota sobre a intervenção nas emissoras privadas é um exemplo. O vídeo mostra pessoas em cima do muro da fachada de um prédio e a polícia entrando em escritórios. No entanto, Fátima Bernardes não informa se houve resistência por parte dos jornalistas.

Em nota coberta sobre a defesa que Lula fez de Evo Morales às vésperas da realização de um referendo na Bolívia, o JN ignora o principal: a importância do plebiscito que decidiu pela permanência do líder indígena no cargo. O noticiário não aprofunda a notícia, assim como não dá qualquer informação sobre a construção da estrada de ferro entre Porto Velho e La Paz, além do fato de que foi assinado o convênio para a obra.

Outro exemplo da fragmentação da narrativa na abordagem dos fatos sociais latino-americanos é o VT sobre a passagem de Lula pela Colômbia, apresentado no dia 19 de julho. Assim como a nota sobre o apoio expressado pelo presidente brasileiro a Morales na Bolívia, a matéria não informa qual o motivo da viagem. Na mudança do *off* para a passagem do repórter, a fragmentação da narrativa fica clara e a introdução a outro assunto foi feita assim:

OFF: Pela manhã, os presidentes Lula e Álvaro Uribe participaram da abertura de um encontro com a presença de mais de cem empresários brasileiros e 200 colombianos. Lula anunciou um financiamento de US\$ 650 milhões do BNDES para a construção de uma ferrovia na Colômbia. PASSAGEM: Até agora, a Colômbia não aceitava a proposta brasileira de criar um Conselho Sul-Americano de Defesa. Depois da conversa com Lula, o presidente Álvaro Uribe anunciou que a Colômbia fará parte do conselho, desde que haja um rechaço às ações violentas de grupos terroristas, como as Farc.

A concordância de Uribe com a proposta de Lula não é antecipada, nem seguida, por uma explicação sobre o que é o Conselho Sul-americano de Defesa e qual a importância dele para a política da região. Da mesma forma, o texto parecer ter sido escrito a partir da premissa de que todos os telespectadores sabiam dos acontecimentos relacionadas às Farc dos dias anteriores. Essa dedução atrapalha a fluência da narrativa porque cria dúvidas no telespectador. Além disso, a falta de informações mais detalhadas sobre a assinatura do convênio com o BNDES reduz a possibilidade de o telespectador tomar conhecimento sobre o papel de liderança que o Brasil tenta ocupar na região e sobre o que esse convênio representa para as relações entre os dois países.

Outro problema é a reprodução de estereótipos. Em nenhuma matéria em que há referência às Farc, os noticiários resgatam a história do grupo. No VT veiculado pelo JN no dia 19 de julho, o repórter da TV Globo diz que Uribe exigiu ações para acabar com a atuação do grupo “terrorista”. Há muitas divergências sobre o uso do termo para classificar uma guerrilha ou um grupo armado. No entanto, tem-se a impressão de que o resgate recente de Ingrid Betancourt e seu testemunho sobre o sofrimento em cativeiro legitimou a adoção da palavra “terrorista” para se referir às Farc. Mais importante do que a escolha de um termo em detrimento de outro é a carga pejorativa de certas palavras. Sem entender a história do grupo, em função da ausência completa de explicações sobre sua forma de atuação e seus objetivos, o público sabe apenas que se trata de terroristas que precisam ser combatidos.

Ao mesmo tempo, os telespectadores pouco sabem sobre a existência de grupos paramilitares de direita que também atuam na Colômbia e, por causa do isolamento das narrativas, não relaciona os fatos sociais, sendo incapaz de, apenas pelos telejornais, formar consciência crítica sobre a política e a situação social daquele país. Mais do que classificar como terrorista ou guerrilha, esquerda ou direita, é preciso explicar o que cada grupo desses

representa. Principalmente por se tratar de questões geograficamente próximas ao Brasil, é importante que os brasileiros saibam quem são e o que representam os grupos armados que agem na América Latina.

Aplicando o princípio de identidade e valores podemos observar que as vozes que predominam nas matérias apresentadas pelos dois noticiários sobre a América Latina são institucionais: presidentes ou representantes do governo; instituições prestadoras de serviço público; e analistas políticos e internacionais. Geralmente, quando os telejornais apresentam a fala dos cidadãos comuns, o fazem para comprovar um discurso adotado ao longo da narrativa. Outra ocorrência do uso das vozes de representantes da sociedade civil é quando há necessidade de se “ouvir o outro lado da história”. Por exemplo, em nota coberta apresentada no dia 17 de julho, o Jornal da Record informa sobre a apreensão de um submarino carregado de drogas pela guarda costeira do México e a detenção de quatro colombianos que estavam a bordo. No fim da matéria, a reprodução de suas alegações de que nada sabiam das drogas no submarino dá a impressão de que essa informação foi usada apenas para constar. Essa prática acaba sufocando a complexidade dos acontecimentos, reduzindo as diversas versões sobre os fatos e, em última instância, reforçando estereótipos.

A matéria de Cristiana Gomes, enviada especial do Jornal da Record à Argentina, sobre o dia seguinte da votação no Senado da lei que aumentaria o imposto para a exportação de grãos mostra como o uso da voz das pessoas comuns pode servir apenas para reiterar o discurso do telejornal. A repórter inicia o VT afirmando que a presidente Cristina Kirchner demorou muito tempo para se pronunciar sobre a derrota no Congresso. Mesmo que Cristina apareça em um palco, diante de uma multidão gritando seu nome, a narrativa dá a impressão de que o governo está desgastado. Acompanhe a transcrição:

OFF: Só muitas horas depois da derrota política, Cristina Kirchner se pronunciou e mesmo assim, numa referência indireta à votação no Senado.

SONORA - presidente: Alguns demoram mais para entender as coisas. Esperamos que logo entendam.

OFF: Os argentinos esperavam mais. Este engenheiro diz que Cristina é clara quando ganha.

SONORA - engenheiro argentino: Também deveria reconhecer quando perde.

OFF: Este acha que o silêncio mostra o quanto o governo está abalado.

SONORA - cidadão argentino: O silêncio dela foi mais que suficiente.

Cristiana ainda mostra as manchetes dos jornais argentinos criticando o discurso da presidente. Em nenhum momento, no entanto, ela explica para o telespectador a importância do fato noticiado, nem fala sobre a questão econômica, a crise dos alimentos no mercado global e não menciona os problemas que o governo teve com os ruralistas durante as discussões sobre o projeto. Por fim, um sociólogo comenta a necessidade de se adotar uma política mais flexível, que respeite as instituições, o que casa muito bem com a narrativa da matéria, mas deixa o telespectador sem entender por que o governo não respeitava essas instituições.

Como produtores de conhecimento sobre a América Latina, os telejornais devem tomar cuidado para que a utilização dos discursos dos cidadãos comuns não sirva apenas para legitimar os seus próprios. Ao fazer isso, os noticiários reproduzem determinadas visões de mundo em detrimento de outras, apresentando abordagens reducionistas ou limitadas dos fatos sociais transformados em acontecimentos. Se o relato fiel da realidade é impossível de ser alcançado, o ideal é que a contextualização dê ao público os subsídios para entender os processos noticiados e tirar suas próprias conclusões sobre a realidade social.

O princípio da dramatização também está presente nas matérias sobre a América latina que foram veiculadas no JN e no JR nas edições analisadas, principalmente pela forma como as informações são organizadas. Veja como Ingrid Betancourt é apresentada na introdução à entrevista que concedeu ao Jornal Nacional no dia 8 de julho:

OFF: Aplausos para a heroína franco-colombiana. O Senado francês se levanta para homenagear Ingrid Betancourt, a mulher que venceu o ódio das Farc. Escapou viva do que ela descreve como o inferno. Durante toda esta terça-feira, a ex-senadora e ex-candidata à Presidência da Colômbia agradeceu cada demonstração de carinho e pediu que todos continuem a luta pelos que ainda permanecem no cativeiro. Seis dias depois de reconquistar a liberdade, em uma operação cinematográfica, Ingrid Betancourt está dividida. Ficar em Paris, curtir os filhos, aproveitar para descansar sem compromisso, ou voltar à Colômbia para retomar a carreira política?

Como numa história produzida em Hollywood, Ingrid tem sua glória após ficar seis anos no cativeiro: é aplaudida, tem seu sofrimento reconhecido e passa a ser tratada como heroína. No entanto, trata-se de uma história da vida real e centenas de reféns ainda estão em poder da guerrilha. Ingrid mesmo pede que a sensação de “final feliz” não predomine e

que as outras vítimas dos seqüestros não sejam esquecidas. O medo de Ingrid é justificável: um dos valores-notícia mais adotados pelos telejornais é a importância pública da pessoa em questão. Por ser famosa, ter um passado político e cidadania francesa, seu drama nunca foi esquecido. Mas, ao longo da entrevista para o JN, a própria Ingrid diz que as pessoas precisam continuar ajudando os reféns das Farc porque eles “não têm quem fale por eles”.

Na mesma linha, a matéria do JR sobre a possibilidade de Álvaro Uribe ter cometido crime de guerra durante o resgate começa com um encadeamento de informações que descrevem uma operação de sucesso. O repórter apresenta todos os êxitos do presidente colombiano na operação e depois diz que ele errou porque alguns agentes do governo usaram roupas com símbolos da Cruz Vermelha, o que é considerado crime de guerra. A opção pelo contraste reforça o impacto da gafe sobre a opinião pública a respeito de Uribe.

Ao mesmo tempo em que serve para prender a atenção e envolver o público, a dramatização também pode afastar uma percepção crítica dos fatos noticiados, porque embala as histórias reais em uma narrativa ficcional e corre o risco de isolar as narrativas da experiência da realidade social experimentada pelo cidadão comum.

É importante observar que, no período da análise, apenas duas matérias do Jornal Nacional e do Jornal da Record sobre a América Latina foram produzidas a partir da mesma pauta. Para avançar na compreensão sobre os sentidos construídos pelos dois noticiários, vamos realizar a análise comparativa dessas narrativas.

Acompanhe abaixo as transcrições das notas cobertas veiculadas pelo Jornal Nacional e o Jornal da Record no dia 11 de julho de 2008 sobre o reencontro dos presidentes da Colômbia e da Venezuela Álvaro Uribe e Hugo Chávez, e dos VTs apresentados pelos noticiários no dia 17 de julho de 2008 sobre a derrota do governo argentino no Senado.

Jornal Nacional:

William Bonner

LocV: Os presidentes da Colômbia e da Venezuela se encontraram ontem depois de meses de tensão no relacionamento entre os dois.

OFF: Hugo Chávez recebeu o colombiano Álvaro Uribe no principal complexo petroquímico da Venezuela. Desde o fim do ano passado, os dois trocavam acusações e ameaças por causa de divergências nas negociações com guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Chávez disse hoje que sente, do fundo da alma, um amor profundo pela Colômbia.

Jornal da Record:

Adriana Araújo

LocV: Os presidentes da Colômbia e da Venezuela se reúnem, pela primeira vez, depois de terem rompido relações.

OFF: Hugo Chávez e Álvaro Uribe trocaram apertos de mão e se reuniram a portas fechadas por mais de duas horas. Ao final do encontro, disseram que hoje começou uma nova fase de entendimento entre os dois países. Apesar do clima cordial, em Caracas houve manifestações contrárias à presença de Álvaro Uribe no país.

A partir da aplicação dos princípios de enunciação selecionados, foi possível apresentar os primeiros resultados da análise, sistematizados a seguir.

Fragmentação→ O Jornal Nacional contextualizou o desentendimento entre os dois presidentes, mas não informou se o convite para a visita de Uribe partiu de Chávez, já que o encontro foi na Venezuela. Além disso, o ritmo corrido do telejornal não permite que o assunto seja tratado de forma mais aprofundada, o que gera um discurso superficial. Já o Jornal da Record não informa o motivo do desentendimento entre os dois, mas mostra os protestos de rua realizados por venezuelanos contra a presença de Uribe. A falta de contextualização se repete neste momento, pois o telejornal não explica por que a presença de Uribe incomoda tanto os venezuelanos. Além disso, nenhum dos noticiários informa os interesses por trás do encontro: os dois países são grandes parceiros comerciais, já que boa parte do petróleo que entra na Colômbia sai da Venezuela.

Formação de identidades e valores→ Ao narrar o encontro de Hugo Chávez e Álvaro Uribe, William Bonner adota um tom debochado no Jornal Nacional. O discurso que aparece na matéria é o de Chávez, que disse sentir um profundo amor pela Colômbia, mas Bonner lê essa informação ironizando a fala do presidente venezuelano. Esta atitude esvazia a credibilidade do discurso de Chávez e reforça a imagem caricata que a imprensa pinta dele. O noticiário da TV Record cita o anúncio conjunto dos dois presidentes que disseram que o encontro marcava o início de uma nova fase nas relações entre a Colômbia e a Venezuela. Essa postura se distancia da tentativa do concorrente de reforçar um estereótipo de um dos líderes, mas perde força porque a nota coberta não lembra o público da crise na relação das duas nações.

Dramatização→ A narrativa do Jornal da Record mostra os dois lados do fato: o oficial e o real. Mesmo que Álvaro Uribe e Hugo Chávez estivessem se reunindo, um grupo de pessoas na rua demonstrou insatisfação com a cordialidade entre os presidentes. As imagens da nota coberta reforçam o texto lido por Adriana Araújo e ajudam a completar a história narrada: os dois se encontram, apertam as mãos, conversam, fazem o anúncio na coletiva e o povo protesta na rua. A última informação abre a matéria para outras interpretações por parte do público, mas é enfraquecida pela falta de contextualização. Por outro lado, o Jornal Nacional conta sua história completa (começo, meio e fim) sem espaços para questionamentos. O desencadeamento das informações e das imagens conduz o raciocínio do telespectador: eles se encontraram, apertam as mãos, as bandeiras da Venezuela e da Colômbia aparecem lado a lado, fazem comentários um para o outro em voz baixa, demonstrando cumplicidade, e Bonner encerra a nota coberta com o comentário de Chávez, como se finalizasse sua narrativa com uma “piada”. Além disso, a combinação das imagens e do texto não colaborou para o teor informativo da nota, já que o vídeo reproduz apenas o que os apresentadores estão dizendo.

Agora observe os textos das cabeças de locutor (os textos dos locutores de chamada das matérias) e dos 2 VTs.

Jornal Nacional:

Sandra Annenberg

LOCV: Na Argentina, o Senado rejeitou o projeto de lei que confirmaria o aumento de impostos sobre as exportações de grãos. De Buenos Aires, informa o correspondente Ari Peixoto.

OFF: Bandeiras brancas e argentinas festejam a vitória dos governistas que viram o projeto governista ser derrotado no Senado. O decreto que aumentou os impostos para o trigo e a soja provocou um conflito entre o governo e o campo que já dura mais de quatro meses e praticamente parou a economia argentina. Pressionada, a presidente Cristina Kirchner enviou projeto ao Congresso, para tentar legitimar o aumento. Na Câmara, ele foi aprovado. Mas, na madrugada desta quinta-feira, o resultado foi diferente. Depois de 18 horas de sessão, trinta e seis senadores votaram a favor do governo e trinta e seis contra. O voto decisivo coube ao presidente do Senado, que, pela lei argentina, é o vice-presidente da República. Pálido e nervoso, Julio Rojas votou contra o projeto. Hoje pela manhã, ele disse que não pensa em renunciar.

PASSAGEM: De maneira geral, os analistas políticos dizem que a derrota do governo não abre uma crise institucional, nem afeta a governabilidade do país, mas há divergências com relação à validade do decreto. Para alguns, ele continua vigente. Para outros, se não virou lei, não vale mais. De qualquer forma, os ruralistas, que pediram à presidente

uma audiência para iniciar um diálogo, querem que o decreto seja considerado, o mais rápido possível, inconstitucional.

Jornal da Record:

Celso Freitas

LOCV: Na Argentina, o governo de Cristina Kirchner tem a maior derrota desde a eleição. O Senado rejeitou o projeto que taxa a exportação de soja.

Adriana Araújo

LOCV2: O voto do vice-presidente do país deu vitória à oposição e iniciou uma crise política, como mostra, Buenos Aires, a enviada especial Cristiana Gomes.

OFF: Madrugada com clima de final de Copa do Mundo. Torcida, representantes do governo e ruralistas acompanharam, nas ruas, a histórica sessão do Senado. Em jogo, a lei que cobra impostos para a exportação de grãos, principalmente soja. O objetivo do governo é segurar os produtos no mercado interno e impedir a alta dos preços. Os produtores dizem que a medida é inconstitucional. Depois de 17 horas de debates, os senadores argentinos chegaram a um empate: trinta e seis a trinta e seis. Coube ao vice-presidente da República, o voto de minerva. Visivelmente emocionado, Julio Rojas votou contra o governo:

SONORA: Estoy votando conforme mis convicciones.

OFF: Os agricultores fizeram festa durante toda a madrugada e elogiaram a decisão do vice-presidente. Hoje o assunto do dia na Argentina era um só:

PASSAGEM: Essa foi a maior derrota do governo Cristina Kirchner e abre uma crise política sem precedentes. Foram quatro meses de discussões sobre a lei do imposto, período em que o governo foi perdendo o apoio popular.

OFF: O índice de aprovação de Cristina Kirchner caiu de mais de 50% em janeiro para pouco mais de 20%. Para este argentino, o Senado tomou uma decisão justa ao derrubar o aumento do imposto. O vice-presidente Julio Rojas disse que, mesmo votando contra o governo, vai permanecer no cargo.

No desenvolvimento da análise qualitativa chegamos ainda a outras lições:

Fragmentação→ O JN relata a história dos conflitos que surgiram com a proposta da presidente, enquanto o JR explica os objetivos do governo ao tentar taxar as exportações de grãos. A memória da votação resgatada pelos dois noticiários é importante, mas eles não contextualizaram as discussões sobre a exportação dos grãos e não as relacionaram à crise global dos alimentos, o que enriqueceria a matéria e informaria o público sobre o papel do mercado argentino e, em última instância, latino-americano nas trocas comerciais no mundo.

Formação de identidades e valores→ Ao informar os motivos que levaram o governo a tentar taxar as exportações, o JR polariza com os interesses dos ruralistas. Já o JN informa

apenas que a presidente tentou taxar e os ruralistas não queriam porque, obviamente, aumentaria seus custos, sem explicar as razões do lado oficial. O Jornal da Record usou uma sonora de apenas um cidadão argentino que defende a não-taxação, o que serviu para reforçar seu discurso de que o governo saiu derrotado e não tinha apoio popular. Ao tentar passar essa imagem, o JR dá a sensação de estar falando sobre um país politicamente dividido e com um governo enfraquecido (idéia reforçada pelos gráficos que mostram a queda da popularidade de Cristina Kirchner), o que o JN nega. Segundo Ari Peixoto, a derrota no Senado não abre uma crise na Casa Rosada.

Dramatização→ No JN, o lead da matéria é dado na cabeça, apresentada por Sandra Annenberg. O VT foi construído de forma cronológica: Ari Peixoto explica as discussões e a crise do governo com os ruralistas, depois narra a votação e, por fim, explica as divergências sobre a validade do projeto após a derrota. A opção por este texto reforça a idéia da história, como se o JN apresentasse várias histórias fechadas dentro do telejornal e aquelas narrativas representassem os principais acontecimentos do dia. Por outro lado, o Jornal da Record oferece, na cabeça, um resumo do que será o VT. O texto de Cristiana Gomes faz um paralelo com um jogo de final de Copa do Mundo, sendo que a votação representa a partida, o governo e os ruralistas ocupam os lugares dos adversários em campo, e o vice-presidente Julio Cobos faz o papel do árbitro que decidiu a partida. Essa opção, como já dissemos, passa a impressão de que os rumos da política argentina estavam em jogo na noite do dia 16 de julho, enquanto que a matéria de Ari Peixoto é mais cautelosa ao falar sobre a importância da votação para a esfera política local. Nas duas matérias, as imagens foram usadas de forma criativa. No VT da Record, por exemplo, elas ajudam a criar o clima de decisão, ao mostrar os ruralistas comemorando com uma foto do vice-presidente da Argentina e as pessoas assistindo à votação na rua, como acontece nas decisões de grandes campeonatos.

As interpretações do Jornal Nacional e do Jornal da Record nessa matéria transmitem ao público visões de mundo completamente contrárias. Os noticiários televisivos se auto-intitulam objetivos e meros testemunhas da verdade, mas os discursos diferentes comprovam que os telejornais são produtos da subjetividade, da interpretação e da mediação. No próximo capítulo, apresentamos as principais conclusões a que chegamos

sobre a construção de sentidos pelos telejornais a partir da reflexão sobre o lugar estratégico desses noticiários e das análises quantitativa e qualitativa realizadas neste capítulo.

6. Em busca de resultados

Como produtores de sentidos sobre a realidade e principais fontes de informação da população, os telejornais devem construir uma visão de mundo crítica e contextualizada. Os problemas apontados nas matérias sobre a América Latina veiculadas pelo Jornal Nacional e o Jornal da Record entre os dias 7 e 19 de julho de 2008 refletem uma visão de mundo fragmentada e superficial. Em grande parte, essas deficiências resultam da rapidez do discurso, da escassez de tempo na TV e da construção da narrativa baseada na crença de que a audiência possui um repertório prévio sobre o assunto noticiado.

Em termos numéricos, o Jornal Nacional se mostrou mais preocupado com a cobertura da América Latina. No entanto, faltam explicações sobre as origens e as consequências dos fatos sociais. O noticiário também costuma se valer de determinadas matérias para reforçar estereótipos, principalmente os referentes aos países que promovem o “Socialismo do Século XXI” no continente.

Já o Jornal da Record apresentou uma cobertura quantitativamente baixa, que reforça os modelos convencionais da ordem mundial, com Estados Unidos e Europa Ocidental ocupando posições privilegiadas. A falta de contextualização também é o grande problema das matérias sobre América Latina veiculadas pelo telejornal. Todas as matérias sobre economia e política, que exigem explicações mais densas, poderiam ter sido melhor desenvolvidas.

O Jornal Nacional também apresentou muitas matérias pautadas nas relações políticas entre o Brasil e os países do continente. Pode parecer que essa prática valorize a importância das nações latino-americanas para o país. No entanto, o foco das matérias se restringe às atitudes e discursos do presidente Lula, mesmo quando outros acontecimentos em países da região possuem mais valor jornalístico e poderiam ajudar a explicar, com fatos concretos, as ligações do Brasil com os vizinhos e promover uma maior identificação dos brasileiros com essas nações.

Os sentidos contrários que os dois telejornais produziram sobre o mesmo fato revelam duas visões de América Latina que se afastam e demonstram que o jornalismo é fruto da interpretação e da subjetividade humanas. Uma explicação mais rica sobre o que a

votação significava politicamente para o governo argentino permitiria que a audiência refletisse e chegasse a suas conclusões.

As narrativas do Jornal Nacional e do Jornal da Record sobre a América Latina também precisam refletir mais as diversidades existentes nos países do continente. A reprodução dos discursos oficiais nas matérias impede que as vozes minoritárias tenham espaço. Quando os cidadãos comuns, ou representantes das minorias sociais aparecem nas reportagens, servem para exemplificar ou reforçar o discurso dos repórteres.

Os noticiários televisivos são espaços de mediação das experiências dos indivíduos com o real e deveriam se pautar mais pelas reivindicações e pelos movimentos da sociedade, do que pelas agendas oficiais, que reduzem os discursos às visões hegemônicas já estabelecidas. A diversidade também poderia se estender ao uso da linguagem audiovisual. Presos aos modelos convencionais, a fim de conquistar cada vez mais credibilidade, os telejornais dificilmente se permitem experimentar novos usos da linguagem, o que atrapalha a produção de conhecimento sobre assuntos internacionais, em função da dificuldade de ter acesso a grande quantidade de boas imagens dos acontecimentos estrangeiros.

No caso específico da América Latina, essa realidade poderia ser amenizada por maiores investimentos das empresas de comunicação na cobertura da região, o que geraria mais matérias analíticas e tempo maior reservado ao continente nos telejornais. Além disso, a combinação de texto e imagem deveria enriquecer as reportagens e não torná-las redundantes. Por fim, coberturas sobre a cultura, as questões sociais, a política e a economia dos países vizinhos poderiam ser feitas com mais frequência, para que os brasileiros cujo principal meio de informação é a TV não desenvolvam uma visão distorcida das nações latino-americanas, enxergando apenas as crises pontuais e isolando as questões vividas nesses locais da realidade brasileira.

7. Referências Bibliográficas

a. Bibliografia

AGUIAR, Pedro. *Jornalismo Internacional em redes*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2008.

AGUIAR, Pedro. *Apostila de Jornalismo Internacional*. Disponível em <http://www.eco.ufrj.br/pet/jornalismointernacional/apostila20082.pdf>. Acessado em setembro de 2008.

BECKER, Beatriz. *A Linguagem do Telejornal: Um Estudo da Cobertura dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: 2005,

_____. *Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção*. São Paulo: Galáxia PUC-SP, 2005, n.10, p. 51-64.

HOHLFELDT, Antonio. *Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação*. In: *Teorias da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2001, p.187-240.

HOHLFELDT, Antonio. *Matrizes da Imprensa brasileira, “Correio Braziliense” X Gazeta do Rio de Janeiro*. Santos: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, 2007.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*, São Paulo: Senac, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesus; **REY**, German. *Os exercícios do ver*. São Paulo: SENAC, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. *O jornalismo é uma forma de conhecimento?* Universidade Federal de Santa Catarina: 2007. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/ag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acessado em setembro de 2008.

MORETZSOHN, Sylvia. *Imagem e velocidade: Os desvios de origem na dupla condenação da TV*. In: *Telejornalismo, A nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006.

PENA, Felipe. *Teorias do Jornalismo*. 2ª. Edição. São Paulo: Contexto, 2008.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no séc. XX*. São Leopoldo/ RS: Unisinos, - Impressos Portão, 2003.

VIZEU, Alfredo. *O Lado Oculto do Telejornalismo*. 1ª Edição. Florianópolis: Calnadra, 2005.

VIZEU, Alfredo. *A sociedade do telejornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIZEU, Alfredo; **CORREIA**, João Carlos. *A construção do real no telejornalismo, do lugar de segurança ao lugar de referencia. In: A sociedade do telejornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2008, p.11-26.

VIZEU, Alfredo; **PORCELLO**, Flávio. *Telejornalismo, A nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006.

b. Sites

COMUNIQUE-SE. *Globo explica queda na audiência do JN*. Disponível em <http://www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/NewsShow.asp&p2=idnot%3D49199%26Editoria%3D8%26Op2%3D1%26Op3%3D0%26pid%3D31738491409%26fnt%3Dfntnl>. Acessado em outubro de 2008.

UOL NOTÍCIAS, *América Latina vê chance histórica de ter voz na economia mundial*. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2008/11/14/ult1808u130136.jhtm>. Acessado em novembro de 2008.

UOL NOTÍCIAS. *Jornal Nacional perde um em cada 5 telespectadores no país*. Disponível em <http://www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/NewsShow.asp&p2=idnot%3D49199%26Editoria%3D8%26Op2%3D1%26Op3%3D0%26pid%3D31738491409%26fnt%3Dfntnl>. Acessado em outubro de 2008.